

Agoglossakis, Stavros (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dilluns 18, 12.45-14.00. Sala 102

“Lorca, Espriu y la traducción de la *Teogonía* de Luis Segalá y Estalella”

Se estudia la traducción de la *Teogonía* de Hesiodo efectuada por el helenista catalán Luis Segalá y Estalella y publicada en 1910, y su repercusión en la obra de Federico García Lorca (poesía y teatro) y de Salvador Espriu (en *Les roques i el mar, el blau* de 1981).

Agrelo Costas, Eulalia (Universidad de Deusto) i **Isabel Mociño González** (Universidad del País Vasco).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Auditori

“Contactos e intercambios entre la literatura infantil y juvenil gallega y la catalana y vasca: diálogos desde la periferia”

Se hace una breve descripción de cómo se conformaron y consolidaron a lo largo del siglo XX las literaturas infantiles y juveniles de los ámbitos lingüísticos gallego, catalán y vasco, para de este modo contextualizar el objeto de estudio. A continuación se presta atención a algunas de las debilidades que presentaban estos sistemas literarios y los principales condicionantes derivados de su doble, e incluso triple, condición de literaturas periféricas o marginalizadas, tanto por no tener un estado que las apoyara como por estar dirigidas a un tipo de lectorado concreto e incluso por no ser objeto de estudio de la crítica académica hasta muy recientemente. De este modo, se llama la atención sobre aquellos mecanismos de legitimación como la escuela o los premios literarios y se observa la evolución de las corrientes temáticas y formales presentes en las coediciones y traducciones que se llevaron a cabo entre estos tres sistemas literarios a lo largo del siglo XX, aunque centrando la atención en el período de conformación y consolidación, es decir, desde los años sesenta hasta el inicio de los noventa. La perspectiva desde la que se parte es del ámbito gallego, objeto de estudio de nuestros trabajos.

Álvarez Sellers, María Rosa (Universitat de València).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 104

“A criação da “tragédia nacional” no renascimento: *Numancia* de Cervantes e *Castro* de Ferreira”

Estudo dos modelos trágicos renascentistas espanhol e português através de duas obras representativas, *Numancia* de Cervantes e *Castro* de António Ferreira, que surpreendem pelas suas contribuições no caminho da renovação de um género recuperado no século XVI mas que atingirá na Península a sua plenitude no século XVII. Daí que o nosso objectivo seja examinar se aparecem nelas alguns dos elementos que definem a tragédia posterior e verificar em que medida poderiam ambas ter participado na definição dos parâmetros do que será a nova tragédia do Barroco, a tragédia da Modernidade. A tragédia surge em épocas de conflito, mas não é este o único impulsor do género em Espanha e Portugal. Haverá, além disso, uma vontade de escrever tragédia, de criar uma “tragédia nacional”, concebida quer como exercício didáctico ou como moralização, quer para dignificar o idioma, quer para exemplificar bons costumes. Partindo da adaptação do autor mais acessível, Séneca, e das novidades proporcionadas pelas viagens a Itália de Sá de Miranda ou Garcilaso de la Vega, ficarão unidos os modelos trágicos lusitano e espanhol, pois tanto Ferreira como o elenco de trágicos espanhóis que publicam entre 1577 e 1587 perseguem um mesmo fim: a recuperação do género trágico e a criação da tragédia renascentista. Analisaremos as causas dessa necessidade de compor tragédias em ambos os países e os resultados desse propósito comum de constituir uma “Tragédia nacional”, já que a tragédia portuguesa não terá continuidade e a tragédia espanhola evoluirá para propostas novas e independentes. Mas, se o modelo de tragédia apresentado por Cervantes pertence à chamada “tragedia de horror” renascentista, que fracassou por falta de público cúmplice e solidário, em Portugal, pelo contrário, apesar do carácter solitário da sua obra, António Ferreira acerta com as chaves temáticas da tragédia barroca. Contudo, esta não será escrita em português.

Anoll, Lídia (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 102

“Seguint les petjades de *Le pied de momie*, de Théophile Gautier, dins el ventall lingüístic ibèric”

L’obra de Théophile Gautier, moderna i variada puix que les seves facetes d’escriptor, artista i viatger s’hi reflecteixen magistralment, ha gaudit d’un nombre considerable de traduccions a Espanya. Els seus contes fantàstics, d’una delicadesa molt pròpia d’un amant de *l’art pour l’art*, hi ocupen un lloc important. Resseguint l’itinerari que ens dibuixa la seva obra traduïda, en farem el balanç posant èmfasi en els contes i, dins

d'ells, centrarem el nostre interès en *Le pied de momie* i en la seva edició dins d'un conjunt molt peculiar destinat als infants.

Apolinário Lourenço, António (Universidade de Coimbra).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Sala 104

“Emilia Pardo Bazán e a Literatura Portuguesa”

Em 25 de Julho de 1880, Eça de Queirós era referido na *Revista de Galicia*, dirigida por Emilia Pardo Bazán, como o “Zola português”, porque “sus novelas tienen el inconveniente de no poderse leer con la nariz destapada”. O artigo não era, no entanto, da autoria da directora da publicação, que só viria a mencionar num texto seu o nome do romancista português para o considerar, em *La cuestión palpitante*, um dos escritores mais talentosos da geração naturalista. No final da década de 80, a escritora galega chegaria mesmo a conhecer pessoalmente o autor do *Primo Basílio*. O encontro proporcionaria um extenso artigo, publicado em 25 de Novembro de 1889, bem revelador do apreço de D. Emilia por Eça e da amplitude do seu conhecimento da obra do colega português. O texto foi publicado em *Los Lunes de El Imparcial* e recolhido, no mesmo ano, no volume intitulado *Por Francia y por Alemania*. Mas a autora de *Los pazos de Ulloa* conheceu igualmente vários outros escritores lusos, nomeadamente Oliveira Martins, Teófilo Braga ou Guiomar Torresão, e, na sequência de várias visitas a Portugal, não deixou nunca de lamentar o profundo desconhecimento recíproco que afectava as relações culturais entre os dois estados ibéricos. Emilia Pardo Bazán não ignorava também a existência de uma certa divisão na intelectualidade portuguesa entre os partidários indefectíveis de Eça de Queirós e os que preferiam o modelo narrativo representado por Camilo Castelo Branco. E se, quanto às opções estéticas, era inevitável que D. Emilia se reconhecesse mais próxima de Eça, já do ponto de vista ideológico e até geográfico são bem evidentes as suas afinidades com o autor de *Amor de perdição*, como deixou indiciado em 1900 na *Ilustración Artística*: “Castelo Branco estudió con intensidad y con una verdad casi anatómica lo rural, la aldea, el pueblecillo portugués, tan semejantes a la aldea y al pueblecillo gallego”.

Araújo, Teresa (Universidade Nova de Lisboa).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 104

“Fascínio e superação: os Siglos de Oro para um dramaturgo da Independência”

Boa parte da injustamente esquecida obra dramática de Pedro Salgado manifesta um autor vinculado ao momento histórico da Restauração portuguesa e à ideologia da legitimação da Casa de Bragança como monarquia *natural* do reino. *Diálogo gracioso...* (Lisboa, 1645), *Relação verdadeira da entrada que fez em Castella Fernão Martins de Ayala...* (Lisboa, 1645) e *A mayor gloria de Portugal e a affronta mayor de Castella* (s.l., s.d.) recriam as campanhas bélicas anti-filipinas do Alentejo na perspectiva da exaltação militar e política da nova soberania, silenciando até a oscilação da fidelidade popular ao novo cetro e a divergência, entre a nobreza, quanto à validade da coroa brigantina. No entanto, do ponto de vista formal, o conjunto da dramaturgia deste autor que também inclui obras menos marcadas pelo conflito, *Theatro do Mundo...* (Lisboa, 1645) e *Hospital do Mundo...* (Lisboa, 1646), apresenta menor convergência com o anti-castelhanismo. Afigura-se uma construção dramática com visíveis alicerces no teatro áureo espanhol: entre outros aspectos, utiliza a divisão externa das três jornadas ou actos, promove a rapidez da acção recomendada por *Arte nuevo de hacer comedias...* (Lope de Vega: Madrid, 1609), abre peças com a antevisão do argumento (recordando a comédia de enredo) e cria situações cómicas através de um discurso ágil e engenhoso. Estes e outros sedimentos inspirados pela mesma matriz são articulados com outros processos, entre os quais os da tradição dramática portuguesa de Gil Vicente que dera e dava bons frutos no teatro nacional. Mas a síntese não esbate a influência hispânica, nem omite referências a reconhecidas figuras da literatura espanhola (Lazarillo, Quijote, Sancho, entre outras). O estudo que agora se propõe analisa esta elaboração criativa, evidenciando as suas fontes e os processos de reinvenção das matrizes.

Audí, Marc, Glòria Bordons i Lis Costa (Universitat de Barcelona). Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Auditori

“Poesia experimental a Catalunya i a Espanya. De Zaj a 1975: diferències i punts de trobada”

La poesia experimental, tot i tenir una sòlida vocació internacional, a vegades sembla que no hagi pogut travessar fronteres lingüístiques dins de l'estat. Tothom reconeix que els poetes d'avantguarda catalans foren pioners a l'estat espanyol en la penetració i en les actualitzacions de les poètiques dels *ismes* del primer terç del segle XX. D'altra banda, l'obra experimental de Brossa, iniciada el 1941, tingué també la funció de retrobar i tornar a fer vigent l'experimentació en poesia dins d'un context estètic en constant evolució. És menys conegut, però, el rol que tingué el context català a partir de

finals dels anys cinquanta, quan les noves pràctiques poètiques –sonores, visuals, concretes o de poesia acció– començaren a difondre's i exposar-se al conjunt d'Espanya. Entre Madrid i Barcelona hi hagué un primer pont anomenat *Dau al Set*, a raó de l'apropament personal i estètic de Brossa amb certs membres del grup madrileny El Paso. I fou a través de Joan Prats, del Club 49 i del mateix Brossa que les primeres accions i concerts de Juan Hidalgo o de Walter Marchetti, que aviat formarien Zaj, arribaren a Barcelona.

L'estudi d'aquest i d'altres ponts entre Catalunya i Espanya en uns anys previs –però decisius– a l'establiment d'una nova generació d'artistes i poetes a partir dels anys setanta és encara incomplet avui. Des de les primeres accions de Zaj fins a la presència catalana als Encuentros de Pamplona l'any 1972, la publicació de la primera antologia de poesia experimental –*Escritura en libertad*– de Fernando Millán el 1975 o la important exposició “Poesia experimental” –catalana, espanyola i internacional– al Col·legi d'Arquitectes de Barcelona l'any 1973, trobem indicis que apropen poètiques a Catalunya i a Espanya. En aquesta comunicació ens proposem de descriure, analitzar i avaluar aquests apropaments ocorreguts en el període que aniria des de les primeres *suites* (1959) i representacions d'accions espectacle de Brossa (1962) i l'aparició de Zaj (1964) fins a la mort de Franco el 1975.

Barros Dias, Isabel (Universidade Aberta).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Sala 104

“A história de Bernardo do Carpio, uma narrativa em metamorfose”

O *corpus* narrativo das versões que reportam a história de Bernardo do Carpio constitui um dos mais complexos exemplos de metamorfose textual ocorrida, no período medieval, na Península Ibérica. Por conseguinte, este conjunto de textos narrativos torna-se particularmente adequado à realização de estudos comparativos. Na sua origem, a história terá sido tema de um poema épico, actualmente perdido, de reacção ibérica contra a famosíssima *Chanson de Roland* francesa. Este texto terá sido prosificado e integrado na narrativa historiográfica de algumas crónicas ibéricas dos sécs. XIII e XIV. As crónicas que referem a vida e feitos deste herói excessivo são diversas. Encontramos testemunhos em latim e, posteriormente, relatos mais desenvolvidos, em diferentes versões, em castelhano, na historiografia produzida sob os auspícios de Afonso X de Castela e Leão e seus derivados, um conjunto textual genericamente conhecido como *Estoria de España* (nas suas diversas versões). A partir

desta corrente historiográfica foram feitas traduções para o Galego (*Versión Gallega*) e para o português (*Crónica de 1344*). Posteriormente, o tema torna-se ainda assunto de eleição do Romanceiro tradicional. Ao assumir esta nova vida, a história de Bernardo do Carpio ganha um novo carácter e um novo espírito, agora centrado em quadros isolados com cenas, ora líricas, ora de grande violência. O estudo das sucessivas metamorfoses desta história, das alterações e manipulações que sofreu, dos motivos políticos e ideológicos a que se adaptou e que a usaram, vem sublinhar a vitalidade deste enredo, bem como a sua capacidade de adaptação a diversas línguas e distintas formas discursivas, sem descuidar a influência que exerceu sobre outras figuras excessivas, de contornos épicos.

Borrego, Manuel (Universidad de Franche-Comté).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Sala 104

“Representación de la división entre catalanes y castellanos en torno a 1640: la primera parte de la *Guerra de Cataluña* de Francisco Manuel de Melo y los *Secrets publichs* de Gaspar Sala”

Bueno Maia, Rita (Faculdade de Letras de Lisboa).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Sala 104

“Lecturas portuguesas de la picaresca en el siglo XIX”

Esta comunicación constituye una nueva aproximación al controvertido tema del género picaresco en Portugal desde el punto de vista de la recepción. A la par de la traducción, dos nociones nos parecen pertinentes para el entendimiento de la recepción de la literatura picaresca en Portugal: la “lectura indirecta” (Even-Zohar, 1978) y la intertextualidad. Intentaremos demostrar cómo el siglo XIX nos parece el más propicio al apareamiento de una literatura picaresca portuguesa por el aumento de la traducción de la novelas picarescas: *Lazarillo de Tormes*, *Guzmán de Alfarache*, *Buscón* y *Estebanillo González* y por el iberismo que se verifica en la elite cultural de ochocientos (Magalhães, 2007), en particular en el periodismo. Por otra parte, presentaremos un *corpus* ínter textos encontrados en algunas obras del periodo romántico portugués, como *Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé* de Alexandre Herculano, *Sereia* de Camilo Castelo Branco, “Ode a Filinto” de Domingos Maximiano Torres, entre otras. Las múltiples referencias, alusiones, citas y paráfrasis presentes en algunos textos portugueses del XIX, no sólo constituyen un testimonio de lectura, sino

tambien su análisis crítico nos ayudará a comprender el entendimiento portugués del género picaresco español y quizás contribuir para la búsqueda de una literatura picaresca portuguesa distinta de la española.

Cabo, Fernando (Universidade de Santiago de Compostela).

Ponència: dijous 18, 16.00-17.00. Auditori

“Historiografía literaria y literaturas ibéricas en el siglo XIX: una perspectiva comparada”.

La ponencia “Historiografía literaria y literaturas ibéricas en el siglo XIX: una perspectiva comparada” se propone plantear algunas proposiciones generales sobre los discursos de la historiografía literaria en el ámbito y el período indicados. Estas proposiciones apuntan, sobre todo, en dos direcciones: la consideración de las historiografías literarias peninsulares como parte de un complejo discursivo con importantes elementos comunes y la importancia del contexto de carácter supranacional para valorar, y relativizar, el mencionado complejo historiográfico.

Casas Nadal, Montserrat (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Sala 102

“Caterina de Siena a la Península Ibèrica a través de les traduccions de la seva obra”.

Anàlisis de les diferents traduccions al català i al castellà que s’han fet des del segle XV, tant de la seva obra com de la seva biografia, per veure la influència constant que el seu pensament i especialment la seva biografia han exercit al llarg dels segles en les cultures hispàniques, de manera especial en la literatura religiosa tant en l’àmbit culte com popular. La meva aportació per al Col·loqui partirà de l’article que vaig publicar al nº 12 de la revista “Quaderns d’Italià”: <http://ddd.uab.cat/pub/qdi/11359730n12p91.pdf> intitulat: “Les versions catalanes de la «Vida de Santa Caterina de Siena». Notes sobre el text i el paratext”, que naturalment serà degudament ampliat amb totes les edicions en castellà que són les que es varen imposar, tant pel que fa a les seves obres com especialment a les moltes biografies. Totes parteixen de la primera biografia feta per Raimon de Capua però evoluciona segons les pràctiques devocionals al llarg del temps. També m’ocuparé dels mecenes i patrocinadors d’aquestes traduccions i edicions castellanés, començant pel Cardenal Francisco Jiménez de Cisneros, en el marc de la reforma impulsada per ell en temps dels

Reis Catòlics. És l'exemple més rellevant, però també n'hi haurà altres que s'analitzaran al llarg de la comunicació. Així mateix un altre aspecte interessant és la procedència dels traductors, que sempre són dominics. També destacaré la proposta de model de santedat femenina que encarna Caterina de Siena i la seva obra, i que els dominics hispànics s'encarregaran de difondre.

Cid Abasolo, Karlos (Universidad Complutense de Madrid).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Auditori

“Temas y puntos de vista en las *Galeusca* de los últimos veinte años”

En esta comunicació se analizarán los núcleos temáticos que se han venido tratando en el congreso anual de Galeusca, al que están convocados escritores de las literaturas catalana, gallega y vasca. A su vez, se dilucidará si existen unos puntos de vista coincidentes o no entre los escritores de una misma literatura, y si existen unos puntos de vista coincidentes o no entre los escritores de las tres literaturas. En definitiva, trataremos de determinar si existen planteamientos literarios y extra-literarios (ideológicos, etc.) comunes entre los participantes a estas jornadas. No olvidemos que en ellas se suelen suscribir manifiestos colectivos, como el de Pamplona del 4 de noviembre de 2006, en el que, entre otras cosas, se afirma: “*denunciamos a banalización da transgresión coa finalidade da súa asimilación polo sistema*”, o que en la edición de 2003, celebrada en Guernica, Iñigo Aranbarri presentó “azken aldarria” ‘declaración final’, que comienza del siguiente modo (en su versión gallega): “nós, escritores e escritoras en lingua catalana, galega, vasca reunidos sobre as cinzas que de gernika cantou paul eluard, declaramos que: [...]”. Finalmente, este estudio tratará de establecer si los citados temas y puntos de vista coinciden con las tendencias generales de cada una de las tres literaturas, a las que están adscritos tanto los escritores que acuden a Galeusca como los que no acuden.

Ciprés Palacín, M^a Ángeles (Universidad Complutense de Madrid) i **Francho Nagore Laín** (Universidad de Zaragoza).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Auditori

“Traducción de la literatura en aragonés a otras lenguas ibéricas y traducciones al aragonés”

Las traducciones de textos clásicos al aragonés, iniciadas por Juan Fernández de Heredia en el siglo XIV, sirven de punto de partida para la reflexión que nos proponemos presentar sobre la traducción de la literatura en aragonés a otras lenguas y las traducciones en lengua aragonesa. El proceso de codificación normalizada del aragonés, que se llevó a cabo en los años 70, permitió el renacimiento de la lengua aragonesa común como instrumento de comunicación y de escritura. La producción literaria en aragonés de los últimos treinta años, sobre la que hay estudios muy precisos, nos permite hablar de una literatura emergente dentro del espacio ibérico. La literatura en aragonés, lengua considerada como minoritaria y todavía no cooficial, a la espera de la Aprobación de la Ley de Lenguas, ha conseguido sin embargo tener una cierta repercusión en el resto de las literaturas ibéricas. Esta interacción será por lo tanto el objeto de nuestra comunicación. Haremos mención igualmente de las traducciones de textos literarios en aragonés a otras lenguas dentro y fuera del ámbito ibérico. En este sentido, y dentro de ejes de acción europeos en pro de las lenguas regionales y minoritarias, ha habido iniciativas de interés que han permitido que algunos textos, principalmente poéticos, formen parte de antologías publicadas en lengua alemana y rusa o en publicaciones en lengua francesa.

Comellas Casanova, Pere (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Sala 104

“La literatura catalana traduïda al portuguès: una relació de baixa intensitat i escassa visibilitat”.

La traducció és sens dubte un bon instrument de prospecció per tal de comprendre les relacions entre cultures, i encara ho és més la traducció de literatura, la qual, a diferència d'altres gèneres, gairebé sempre arrossega una forta marca d'origen i té un paper rellevant en la creació d'imaginari col·lectius. Les relacions entre Portugal i Catalunya durant el darrer segle no han estat especialment intenses i tampoc gaire simètriques. La imatge de la cultura portuguesa a Catalunya i de la catalana a Portugal ha estat molt esquemàtica, fragmentària i parcial, i gairebé sempre ha depès de la iniciativa d'unes poques individualitats. La traducció n'és un reflex privilegiat. Amb aquesta comunicació pretenem esbossar la situació de la literatura catalana a Portugal a través del repertori de les obres traduïdes. Volem veure què ens diu sobre la recepció de la cultura catalana a Portugal el volum de traduccions literàries de les darreres dècades: què s'ha traduït, qui ho ha traduït, qui ho ha publicat, com arriba al públic lector, quina

mediació hi exerceix el fet que Catalunya sigui políticament part d'Espanya... Intentarem aportar tant dades quantitatives com el testimoni d'algunes de les persones que contribueixen a la presència de literatura catalana en portuguès a les llibreries i biblioteques d'aquell país.

Cotner Cerdó, Luisa (Universitat de Vic).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Sala 104

“Traducir la ironía: variación cultural, técnicas y procedimientos estilísticos a propósito de *El hotel de los cuentos y otros relatos neuróticos* de Carme Riera”.

Siguiendo la línea de estudio de autotraducciones, de la que me vengo ocupando desde hace algunos años, en esta comunicación, me propongo analizar las estrategias y procedimientos de que se vale la escritora mallorquina Carme Riera en la que es, por ahora, la última de sus autotraducciones al castellano. Las narraciones de *El hotel de los cuentos y otros relatos neuróticos* proceden en su mayor parte de una recopilación — nunca traducida a la lengua de Cervantes aunque sí al alemán y al neerlandés—, *Epitelis tendrissims*, publicada en 1981, cuando la autora se propuso abordar, desde un enfoque irónico, desenfadado y divertido, ciertos tabús del género erótico, normalmente orillado en aquella época por las escritoras del ámbito hispánico. Si bien la utilización de las diversas variantes de la ironía es una de las constantes de toda la obra de Riera, mi propósito, aquí, estriba sobre todo en poner en evidencia las estrategias estilísticas y los procedimientos verbales de que se vale para lograr equivalentes lingüísticos, teniendo en cuenta la variación cultural que siempre comporta transferir la ironía y la insinuación erótica de una lengua a otra.

Cuadrado, Perfecto E. (Universitat de les Illes Balears).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Sala 104

“El laberinto afectivo ibérico de Mário Cesariny”

Mário Cesariny es hoy reconocido sin discusión como uno de los grandes poetas portugueses del siglo XX y poco a poco va siendo descubierto también como una de las figuras capitales en los caminos recorridos por la pintura portuguesa desde la intervención surrealista de finales de los años 40 del pasado siglo. La huella española en la obra de Mário Cesariny, sedimentada en él desde la infancia a través de su madre, ha sido especialmente significativa, y viene señalada por nombres como los de Arnau de Vilanova, Ramon Llull, Cernuda, Buñuel, Francisco Aranda, Granell, Enrique Carlón o

Miguel Pérez Corrales, entre otros. Esta comunicación trata de recorrer brevemente los vericuetos de ese laberinto afectivo en el que se fueron produciendo entre todos ellos sucesivos encuentros y desencuentros con los que Mário Cesariny fue enriqueciéndose para enriquecernos.

Dâmaso Santos, Isabel (Universidade de Lisboa).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Sala 104

“Santo António no Teatro Ibérico”.

A figura de Santo António ocupa um lugar muito especial no imaginário colectivo, destacando-se como ícone transcultural um pouco por todo o mundo. Santo António, enquanto património cultural, desempenha um papel particular na cena teatral ibérica. Importa, para este estudo, observar a imagem de Santo António projectada no e pelo teatro ibérico, como forma de expressão da tradição em torno da sua figura no espaço geográfico, linguístico, literário e cultural ibérico.

Dasilva, Xosé Manuel (Universidade de Vigo).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Sala 102

“La autotraducción vista por los escritores gallegos”

Calificadas por el escritor Eduardo Blanco-Amor “como traducciones en carne propia”, las versiones de autor han venido sido habituales en la historia literaria gallega a lo largo del período contemporáneo. Efectivamente, desde su refundación a finales del siglo XIX con el movimiento denominado *Rexurdimento*, las letras de Galicia ofrecen muestras abundantes de la transferencia de sus obras al castellano por parte de numerosos escritores. Mencionemos, por ejemplo, los casos de Rosalía de Castro y Curros Enríquez, dentro del ámbito de la poesía. A lo largo del siglo XX, por otro lado, es posible constatar la existencia de otras muchas autotraducciones, y ya no solo dentro del género poético, sino sobre todo en el ámbito de la prosa. Así, cabe recordar los nombres del arriba mencionado Eduardo Blanco-Amor, Álvaro Cunqueiro y Celso Emilio Ferreiro –autotraductor como poeta y también como narrador–, entre otros. Por lo demás, durante los últimos años es factible percibir en el territorio gallego incluso un mayor auge en lo que respecta al cultivo de la autotraducción, de tal forma que lo común es que los títulos de más éxito sean trasladados al castellano por sus propios autores. A la vista del panorama diacrónico brevemente descrito en las líneas precedentes, el objetivo primordial de este trabajo consiste en analizar el conjunto de

reflexiones críticas que ha suscitado el ejercicio de la autotraducción entre no pocos autores gallegos, a fin de establecer las principales líneas de pensamiento que están presentes en sus formulaciones.

Domínguez Pérez, Mónica (University of Abuja).

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Sala 104

“Fenómenos de traducción frecuentes entre literaturas de una misma comunidad interliteraria específica”

En su teoría del proceso interliterario, Ďurišin propuso el ámbito español como un ejemplo de comunidad interliteraria específica. Por otra parte, estudió varios fenómenos que se dan frecuentemente en este tipo de comunidades y que suelen relacionarse con la traducción: la auto-traducción, la bi- o poliliterariedad, la bi- o polinacionalidad, la publicación simultánea, la traducción indirecta, las funciones interior y exterior de intermediación de la traducción, la recepción de la traducción a dos dimensiones, la traducción intra-literaria y la incorporación posterior de la traducción literaria. En este trabajo se retoman tales conceptos para analizarlos desde una perspectiva polisistémica, primero reflexionando teóricamente sobre ellos para analizar su incidencia en las comunidades interliterarias específicas y después aportando ejemplos provenientes del ámbito español. Dado que la mayoría de las traducciones entre las literaturas de este ámbito pertenecen al sector de la literatura infantil y juvenil, los ejemplos también provendrán de dicho sector. Se pretende así demostrar válidos unos conceptos y unos análisis realizados por Ďurišin. A pesar de que su teoría se encuentra actualmente bastante denostada en Europa Occidental, se pueden rescatar muchos de los análisis que ha realizado.

Eisner, Cornelia (Universitat Pompeu Fabra).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Sala 102

“La recepció del teatre de Thomas Bernhard en català i en castellà”.

La recepció de l'obra teatral de Thomas Bernhard ha estat des del primer moment molt diferent en llengua catalana i en llengua castellana. L'objectiu d'aquesta comunicació serà analitzar els motius pels quals s'ha produït aquesta desigualtat. En castellà, Bernhard és conegut sobretot per la seva obra en prosa, que s'ha anat publicant progressivament a partir de l'any 1979 i gràcies sobretot a l'esforç del traductor i filòleg Miguel Sáenz. També s'han traduït i publicat en castellà obres de teatre, però no va ser

fins l'any 1987 que una primera peça de Bernhard va arribar als escenaris en versió castellana: *La fuerza de la costumbre*, que es va estrenar sense gaire ressò al Teatro Español de Madrid. L'acollida de Bernhard als teatres catalans, en canvi, ha estat força més positiva, malgrat que l'autor també hi ha arribat tard (la primera peça de Bernhard traduïda al català va ser *Minetti: un retrat de l'artista vell*, estrenada l'any 1989 a Alacant per La Cassola). Si bé en català no s'ha dut a terme una introducció sistemàtica de l'obra de Bernhard i resten per traduir la majoria de les seves obres en prosa, el seu teatre s'ha fet un lloc en relativament poc temps als escenaris catalans. El perquè d'una recepció tan diferent cal cercar-lo, probablement, en els diferents paràmetres pels quals es regeixen les dues escenes: més oberta al risc i a la innovació la catalana, i més conservadora la castellana. En l'estudi s'intentarà, doncs, no tan sols analitzar la recepció concreta de Bernhard, sinó també extreure conclusions generals sobre les diferències entre l'escena catalana i la castellana.

Fernandes, Ângela (Universidade de Lisboa).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Sala 104

“As relações portuguesas de Ramón Gómez de la Serna”

São diversos os testemunhos das relações próximas de Ramón Gómez de la Serna à literatura portuguesa, em especial nas décadas de 1920-1930. O seu prefácio à novela *Leviana*, de António Ferro, constitui um dos indícios mais evidentes dessa proximidade, mas outros se descobrem sem dificuldade, também ao nível da recepção do autor espanhol em Portugal. Nesta comunicação, pretende-se analisar o universo de relações entre Gómez de la Serna e a literatura portuguesa de modo a esclarecer principalmente as ideias estéticas que então animavam o diálogo entre as literaturas e culturas ibéricas.

Fernández García, M^a Jesús (Universidad de Extremadura).

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Sala 104

“Áreas críticas de la traducción literaria portugués-español: bilingüismo y portuñol”

La traducción entre lenguas tan próximas como el portugués y el castellano sufre históricamente con los tópicos de su aparente facilidad, cuando no de su carácter innecesario. Múltiples trabajos teóricos en el ámbito de la traducción literaria se han propuesto deshacer este prejuicio, subrayando dificultades y criticando malos resultados. Pretendemos en nuestra intervención reflexionar sobre dos áreas en que verter de una lengua a otra una obra literaria representa un grado de dificultad

aparentemente insalvable sin una gran merma de su valor estético, pero sobre todo sin la pérdida del significado semántico-ideológico que se pretende transmitir. Nos referimos a fenómenos como el bilingüismo castellano-portugués, especialmente frecuente a lo largo de los siglos XVI y XVII, y el uso literario del portuñol, como lengua híbrida. Los ejemplos que nos permitirán analizar dificultades, estrategias asumidas y resultados de algunas tentativas de traducción son varias piezas de teatro vicentino y pós-vicentino del XVI y algunas novelas contemporáneas de autores latinoamericanos y portugueses.

Fernández Poza, Óscar (Universidad Complutense de Madrid).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Sala 102

“*El Teatre Català* (1912-1917): Recepción del teatro catalán en Madrid”

La elaboración de los índices de la publicación barcelonesa *El Teatre Català* (1912-1917) ofrece, entre otros niveles de información acerca de la escena catalana, documentación variada sobre su recepción en Madrid. Secciones fijas en la publicación como ‘Crònica Teatral’, ‘El Teatre a Madrid’ — en ocasiones ‘El Teatre Català a Madrid’—, ‘Notícies’, ‘Teatre Castellà’..., o, en ocasiones entrevistas, editoriales o artículos diversos traen a sus páginas autores, títulos traducidos o no, actores y actrices que suben a los escenarios madrileños. Corresponsales como Puck, Claudi, Raimond o Emili Saleta Llorens nos notificarán las diversos niveles de recepción castellana respecto del teatro catalán coetáneo, desde Àngel Guimerà hasta los muy respetados “modernistes” (Mestres, Gual, Rusiñol, Puig i Ferrer...) y otros menores como Josep Francès o Pau Parellada; así mismo, nos informarán sobre la opinión al respecto de actrices y actores como Maria Morera, Augustí Barbosa, Alexandre Nolla o Ramon Gatuellas, y, ciertamente, Margarida Xirgú y Jaume y Enric Borràs. De esas fuentes puede extraerse un cierto perfil de la escena catalana, visto desde otro medio literario; también, por contraste, de la castellana si atendemos a los puntos de interés por la anterior, a qué aspectos se destacan y a qué diferencias se perciben entre una y otra vida teatral.

Fernández Rodríguez, Áurea, Iolanda Galanes Santos, Ana Luna i Silvia Montero Küpper (Universidad de Vigo).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Sala 104

“La traducción en lengua gallega (1980-2008)”

El principal objetivo de las cuatro propuestas de comunicación que presentamos es dar a conocer las posibilidades de investigación sociológica de los textos literarios traducidos hacia la lengua gallega entre los años 1980 y la actualidad. El punto de partida es la creación de la “Biblioteca da Tradución Literaria Galega”, como catálogo en el que se recopilan todas las referencias bibliográficas de todos aquellos textos literarios traducidos hacia nuestra lengua, publicados en el último cuarto de siglo en formato libro. Una de las muchas perspectivas de estudio es indagar en aspectos sociológicos ligados a la literatura y más específicamente a la traducción de literatura. Cada una de las personas que formamos el grupo de investigación BITRAGA (Áurea Fernández, Iolanda Galanes, Ana Luna y Silvia Montero) desarrolla un nivel partiendo de los datos que ha catalogado y en los que basa su propia investigación. Así, trataremos un periodo concreto en el que se analizarán los mismos parámetros, es decir: lenguas de partida, géneros, tipo de traducción (directa o indirecta), autores, traductores, editoriales, etc., prestando especial atención a los flujos comunicativos entre las lenguas peninsulares, de modo que consigamos ofrecer una panorámica general de la evolución del sector editorial de la traducción en la época más productiva de nuestra producción cultural.

Ferreira da Cunha, Carlos Manuel (Universidade do Minho).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Sala 104

“Fidelino de Figueiredo e o comparatismo peninsular”

Os intercâmbios literários devem muito à amizade pessoal e cultural entretecida por alguns dos seus escritores. Um dos autores portugueses que mais se confrontou com este estado de coisas e procurou estabelecer o diálogo entre as culturas peninsulares foi Fidelino de Figueiredo, cujo longo exílio político lhe permitiu viver numa constante encruzilhada intercultural e cosmopolita, na procura das afinidades e assincronias do espaço literário peninsular e iberoamericano. Apesar de se limitar à interacção entre a literatura castelhana e a portuguesa, Fidelino de Figueiredo é claramente um pioneiro, com a sua obra *Pyrene*, publicada em 1935 e um vasto conjunto de ensaios e artigos. Interessam-nos as suas perplexidades perante as diferenças observadas (que resume na ideia da existência de uma permanente assincronia) e a procura incansável dos pontos de contacto existentes.

Foz, Clara (Université d’Ottawa).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Sala 104

“Nuevas cartografías literarias: un clásico en la(s) periferia(s)”

Tanto para la historia literaria propiamente dicha como para la historia de la traducción, la producción, difusión y recepción de los textos están subordinadas a una serie de factores internos (el propio texto, su género y lengua(s), su extensión y en ciertas épocas, incluso su acceso) y externos (estado y legitimidad del campo literario del que forman parte, estructuras editoriales, redes intelectuales). Quizás conceptos como los de *World Literature* (Damrosch, Moretti) o *campo literario internacional* (Casanova) nos permitan tomar una cierta distancia con respecto a modelos teóricos territoriales e identificar el paso de los textos por centros o agentes intermediarios hasta ahora poco estudiados. Aunque la recepción de las obras canónicas traducidas haya sido examinada profusamente por otras disciplinas como la literatura comparada o los *études de transfert*, el enfoque que adoptan estos últimos consiste en observar la circulación de textos entre dos polos o la acogida del texto traducido por el polo receptor, lo cual relega a un segundo plano toda una serie de paradas, el paso por ciertos centros o periferias, vaivenes y desviaciones, que nos permiten trazar otro tipo de mapa literario. Para llevar a cabo esta tarea, tomaremos como punto de partida *El Quijote*. En concreto, examinaremos a partir de varios trabajos bibliográficos como el de Ford y Lansing (1931), el de Grismer (1946) y el de Rius (1970) la trayectoria de las traducciones (momento, lugar y paradas obligatorias o insospechadas) de esta obra cervantina en dos campos literarios europeos periféricos, el catalán y el portugués. Nos limitaremos al siglo XIX, por razones de espacio y dada la importancia que adquiere la idea de literatura nacional en este siglo.

Gallego Roca, Miguel (Universidad de Almería).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Auditori

“Balsa de piedra o península metafísica: traducciones y novelas en la península ibérica a principios del siglo XXI”

García Bascuñana, Juan Francisco (Universitat Rovira i Virgili).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Sala 104

“Recepción del *Telémaco* de Fénelon y su traducción a lenguas de la Península Ibérica”.

Cuando hablamos de las traducciones de la obra de Fénelon, uno no puede dejar de pensar sobre todo en las *Aventures de Télémaque*. Inmediatamente después de su

publicación más o menos clandestina en 1699, aparecieron entre 1700 y 1704 las primeras traducciones a las principales lenguas europeas, aunque la versión en castellano (anónima) no vio la luz hasta 1713 en La Haya. Las reimpressiones de dicha edición española, completa o más o menos abreviada y modificada, se han sucedido a lo largo de casi trescientos años. Pero en la península ibérica no encontramos apenas traducciones no castellanicas del *Telémaco*, si dejamos aparte las realizadas al portugués. De todos modos, hay que destacar una traducción al vasco de 1988, aunque adaptada de una versión de un autor vascofrancés del siglo XIX. Tampoco han faltado traducciones ibéricas de otras obras de Fénelon, especialmente del *Traité de l'éducation des filles*, entre las que destaca una traducción catalana de «bastante éxito» publicada en 1927. Todo ello muestra claramente la presencia constante de Fénelon entre nosotros, sobre todo a través del *Telémaco*. Debiéndose subrayar el peso abrumador de las traducciones al castellano, fruto de una realidad lingüística muy concreta. Pero curiosamente esas escasísimas traducciones no castellanicas nos dicen más de lo que parece, hasta llevarnos a hacernos preguntas que no vamos a dejar de lado en nuestra comunicación.

Godayol, Pilar (Universitat de Vic).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Sala 102

“Feminisme en català: Friedan, Beauvoir i Woolf. Amb unes notes sobre la difusió a altres llengües”.

Durant el marasme de la dictadura, a més de la repressió social i política que tots i totes coneixem, les dones catalanes patiren restriccions culturals i educacionals marcades per una implacable selecció androcèntrica. Els discursos dominants es ben cuidaren de negar l'entrada d'aires subversius que, per raons òbvies, poguessin esverar aquell àngel de la llar amansat i silenciàt, per dir-ho a la manera woolfiana. *La mística de la feminitat* (1965) de Betty Friedan, *El segon sexe* (1968) de Simone de Beauvoir i *Una cambra pròpia* (1985) de Virginia Woolf, tres clàssics del feminisme del segle XX, es convertiren en uns dels elements distorsionadors que penetraren a les llars catalanes dels anys setanta i vuitanta. *La mística de la feminitat* arribà a casa nostra dos anys després de la seva publicació als Estats Units, gràcies a Josep Maria Castellet, qui en promogué la traducció catalana, que encomanà a Jordi Solé i Tura, i n'encarregà una versió anostrada a Maria Aurèlia Capmany: *La dona a Catalunya. Consciència i situació* (1966). Dos anys després de la publicació de Capmany, el 1968, aterrà, amb dues dècades de retard, *El segon sexe* de Simone de Beauvoir, a proposta de la mateixa

Capmany, que en redactà el pròleg, i amb una acurada traducció d'Hermínia Grau de Duran (volum I) i de Carme Vilaginés (volum II). Tot i que *La mística de la feminitat* de Betty Friedan i *El segon sexe* de Simone de Beauvoir es pogueren llegir en català relativament aviat (un més que l'altre), el tercer exemple d'assaig feminista que presentem, *Una cambra pròpia*, de Virginia Woolf, es féu pregar més. *Una cambra pròpia*, editat per la Hogarth Press el 1929, veié llum a casa nostra el 1985 a mans d'Helena Valentí. Aquesta comunicació dóna compte de la recepció al català de tres grans clàssics del feminisme del segle XX: *La mística de la feminitat*, *El segon sexe* i *Una cambra pròpia*. S'hi apunten també notes sobre la seva difusió al castellà, al gallec i a l'anglès.

González Delgado, Ramiro (Universidad de Extremadura).

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Sala 102

“Las traducciones grecolatinas a lengua asturiana y su relación con otras literaturas ibéricas”.

La literatura latina entra a formar parte de la literatura asturiana cuando en 1878 se tradujo el *Beatus ille* de Horacio. La literatura griega tendrá que esperar hasta 1925. Si hablamos de literatura cristiana en lenguas clásicas, esta fecha se retrotrae a 1861. A finales de 2007 se publican los doce primeros cantos de la *Odisea* de Homero, última traducción de textos grecolatinos al asturiano de la que tenemos constancia. A lo largo de todo este periodo veremos en este trabajo cómo la aparición de muchas de estas traducciones se explican desde su contexto ibérico, especialmente a través de las distintas relaciones que la literatura asturiana guarda con las literaturas española (para las traducciones de Horacio, de Ausonio, de poemas de la *Antología Palatina...*), gallega (por la publicación de traducciones en la revista *La Ilustración Gallega y Asturiana*), catalana (por la aparición de la colección *Bernat Metge*, pero también por proyectos editoriales plurilingües que a comienzos del siglo XX se originan en Barcelona) o portuguesa (para la traducción de Safo).

Guzmán Moncada, Carlos i Marta Noguera Ferrer (Universidad de Guadalajara, México).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Auditori

“Recepción de la literatura catalana en el ámbito bibliohemerográfico mexicano (1998-2008)”.

La relación entre México y la literatura escrita en lengua catalana ha sucumbido, a lo largo del siglo XX, a los más diversos avatares de la historia. Algunos de ellos pueden considerarse como hitos que marcan el camino transcurrido por esta relación y que incluso permiten entrever el que queda por transcurrir. A partir de una primera revisión bibliohemerográfica ya publicada por nosotros en la revista *Estudis Romànics*, en la comunicación aquí propuesta queremos emprender una valoración crítica de la presencia y la recepción de la literatura catalana en el ámbito literario y cultural mexicano durante las últimas dos décadas: de 1998 a 2008. Nuestra comunicación se centrará en valorar la recepción de la literatura catalana en México a partir de lo traducido, comentado o publicado en este país –tanto en el ámbito bibliográfico como en el hemerográfico (diarios, revistas y suplementos culturales). El periodo sometido a revisión crítica está conformado por unos años marcados aún por la impronta del exilio de 1939 en alguna de sus implicaciones, así como por la realización –en 2004– de la XVIII edición de la Feria Internacional del Libro (FIL) de Guadalajara, dedicada a la cultura catalana, e incluso por las lejanas resonancias de la participación catalana en la Feria del Libro de Frankfurt de 2007.

Jiménez León, Marcelino (Universitat de Barcelona).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Sala 102

“Manuel de Montoliu y la literatura española”

Manuel de Montoliu (1877-1961) es uno de esos personajes que se vieron enormemente afectados por las circunstancias históricas que le tocaron vivir, y que intentó mantener la dignidad intelectual en uno de los periodos más turbulentos de la historia de España. Durante los años de la II República vivió como protagonista los cambios que se produjeron en el ámbito cultural catalán, y buscó puentes de contacto entre la intelectualidad castellana y la catalana. Discípulo de Karl Vossler y profesor de la Universitat Autònoma de Barcelona (expulsado, como tantos otros, por el Franquismo), vio cómo a partir de 1939 naufragaba todo aquello por lo que había luchado. En los años que siguieron, intentó, como pudo, seguir tendiendo esos puentes, a pesar de las circunstancias. Nuestro estudio analiza su relación con algunos de los personajes más destacados de la intelectualidad castellana, basándonos para ello en su obra crítica, memorialística y en testimonios epistolares a lo largo de su dilatada trayectoria vital y profesional.

Llecha Llop, Lluna (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 102

“Consideracions sobre la recepció a Espanya de *Les lettres de mon moulin*, d’Alphonse Daudet”.

El recull de contes d’Alphonse Daudet, *Les lettres de mon moulin*, és una de les obres del seu repertori més traduïdes a Espanya. De la primera traducció en llengua castellana, de Francisco Carles (Maucci, 1899), a la més recent, de Joëlle Eyhéramonno (Ediciones Gaviota, 2005), comptem més de vint edicions. En aquest treball, ens proposem donar compte de la recepció a Espanya d’aquesta obra, a través de les seves traduccions en les diferents llengües ibèriques. Per a la qual cosa, procedirem a l’estudi dels seus elements externs: títol, traductor, data, editorial, col·lecció, paratextos, etc.

López López-Gay, Patricia (Universidad de Nueva York).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Sala 102

“Apuntes sobre la visibilidad en la autotraducción realizada a, o entre, lenguas ibéricas”

La traducción es al mismo tiempo motor y resultado de ese *hacer pasar de un lugar a otro* (del lat. *traducĕre*); el traductólogo se impone el reto de reconstruir la noción de *literatura mundial* sin borrar las diferencias donde radica la riqueza de lo comparable.

Ubicado *entre lugares* (territorialidades, funciones sociales, lenguas y culturas), el autotraductor logra, en palabras de Pascale Casanova (2002), la autonomía absoluta en su pasaje a nuevos espacios literarios. En estudios como *What Is World Literature?* (Damrosch 2003) o *La république mondiale des lettres* (Casanova 1999) la noción de literatura mundial se entiende como una categoría de producción, publicación y circulación. Pero la traducción, pasaje (siempre desigual) entre culturas –y, por ende, lenguas- nunca es inocente. Desde la teoría y la praxis de la traducción, Lawrence Venuti (2003, 1998, 1995) denuncia el modelo traductor hegemónico en Occidente: la traducción ideal es leída como si fuese el original, suplantándolo y, consecuentemente, borrando las huellas de otredad cultural. Ante la invisibilidad de la traducción y el traductor, Venuti propone nuevas formas de intervención en la cultura meta para visibilizar la traducción y el sujeto que la acomete. Proponemos reflexionar acerca de las implicaciones éticas y políticas de la traducción visible refiriéndonos a ejemplos de autotraducciones realizadas entre, y a, lenguas ibéricas como el catalán, el portugués y el castellano, en el contexto de una *literatura mundial* en constante y fragmentaria reinención.

Manterola, Elizabete (Universidad del País Vasco).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Auditori

“Literatura vasca traducida al catalán”

Llevamos algún tiempo analizando la traducción de la literatura vasca a otras lenguas en el marco de una tesis doctoral sobre este tema. Uno de los resultados ha sido un completo catálogo de los libros (975 entradas) traducidos del vasco a otras lenguas. Presentaremos brevemente ese catálogo y nos centraremos inmediatamente en el subcatálogo de las traducciones del vasco al catalán (137 entradas). Así, analizaremos los datos que arroja ese subcatálogo desde diversos puntos de vista: haremos una descripción cronológica, hablaremos de los autores traducidos, de los géneros traducidos y los tipos de traducción (directa o indirecta). Nos centraremos en los fenómenos más recurrentes y en las regularidades más reseñables que hemos detectado. Finalmente intentaremos sacar algunas conclusiones del panorama actual, con especial referencia a la producción de los últimos años, y ampliaremos también nuestra mirada a otros soportes más allá del libro como revistas, páginas web, etc.

Marcillas Piquer, Isabel (Universitat d'Alacant).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Sala 102

“Mercè Rodoreda i M^a Teresa León: dos exilis i dues literatures amb veu de dona”

Hablar de Mercè Rodoreda como puntal de la narrativa psicológica catalana no resulta, en estos momentos, un hecho novedoso ni notable. Tal vez, hablar de la narrativa de María Teresa León, en el ámbito de la literatura hispánica, tampoco lo sea. Sin embargo el hecho de referirnos a ellas como mujeres escritoras que presentaron puntos en común en su trabajo literario, compararlas y contraponerlas en cuanto a la temática de sus escritos, a la forma que a estos otorgaron y a la recepción de su obra por el público de la Península, es un trabajo que todavía está por abordar. Esta comunicación tratará especialmente la narrativa breve del exilio de ambas escritoras y, en particular, aquella narrativa en la que los personajes representados sean, ante todo, mujeres; mujeres psicológicamente atormentadas por una sociedad que todavía rechaza su inclusión en el mundo exterior, mujeres que sufren traumas como esposas, como madres o simplemente como personas marginadas. Mujeres que, en definitiva, forman parte del siglo XX español y que ambas autoras reflejan en sus textos.

Martínez-Gil, Víctor (Universitat Autònoma de Barcelona).

Ponència: divendres 19, 16.00-17.00. Sala 102

“De Camões a Verdaguer: Portugal i Ibèria en l’imaginari poètic de *L’Atlàntida*”

Fins ara, s’ha interpretat *L’Atlàntida* com el llibre on Verdaguer exaltava la hispanitat i se l’ha oposat a *Canigó*, el poema de la catalanitat. Aquesta lectura ha provocat força equívocs crítics que s’analitzen a la ponència. S’hi proposa, com a alternativa, una lectura a partir de la influència d’*Os Lusíadas* de Luís de Camões, fins ara –llevat d’alguna excepció– ignorada per la crítica. Es vol demostrar que Verdaguer va recórrer a Camões per dibuixar una imatge poètica de la península Ibèrica, i que això respon als debats del temps en què va anar redactant el seu poema. Per fer-ho, es tindran en compte les diferents variants de redacció dels textos que acaben confluint en *L’Atlàntida* i, també, la comparació amb l’obra de Manuel de Cabanyes, precedent de Verdaguer a l’hora de cantar el tema colombí. D’aquesta manera, es veurà que, quan Verdaguer es refereix a Espanya en la seva poesia, en realitat no està parlant d’Espanya, sinó d’Ibèria, la qual inclou Portugal, i aquest fet pot modificar la visió que fins ara teníem del poeta català i del sentit de la seva obra.

Matas Pons, Àlex (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Auditori

“El dinero: la base material de las ciudades en las novelas de Émile Zola, Benito Pérez Galdós y Narcís Oller”.

La recepció en la península ibèrica de la obra de Émile Zola fue de gran relevancia y algunos de los autores más representativos de la literatura castellana y catalana de finales del siglo XIX se mostraron especialmente interesador por las nuevas técnicas narrativas y por los presupuestos teóricos del naturalismo francés. Esta investigación se centra en el análisis y la comparación de tres de las obras de importantes representantes del naturalismo europeo: *Nana* (1880) de Émile Zola, *Lo prohibido* (1884-1885) de Benito Pérez Galdós y *La febre d’or* (1890-1892) de Narcís Oller. La interpretació de diversos pasajes pertenecientes a estas tres novelas revela que todas ellas comparten un mismo modo por el que representar la existencia urbana del hombre contemporáneo. Los tres autores presentan tres ciudades literarias —París, Madrid y Barcelona— cuya idéntica base material es el dinero, y configuran así aquella imagen concreta del sentido filosófico del dinero cuya comprensión perseguirá años más tarde Georg Simmel en su

Filosofía del dinero. La trama urbana de las novelas del naturalismo europeo recrea la determinación cuantitativa asumida por el individuo en la forma de la impersonalidad y la consiguiente ausencia de carácter da cuenta de una sociedad donde el precio de la mercancía depende tan sólo de las relaciones de reciprocidad que pueda establecer con otras mercancías. La investigación muestra cómo estrategias estrictamente narrativas como la descripción de ambientes y de personajes acaban por coformar este principio de intercambiabilidad que rige el orden de las mercancías y, por lo tanto, las ciudades del naturalismo europeo de Zola, Galdós y Oller revelan la identidad de la base material que determina la eterna circulación —proyección y satisfacción— de los deseos del ciudadano decimonónico.

Mejía Ruiz, Carmen (Universidad Complutense de Madrid).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Auditori

“La poesía urbana en las literaturas peninsulares”

La poesía en la lírica peninsular, a partir de los años setenta del novecientos, ha evolucionado a partir de la ruptura con los hitos tradicionales. Desde esa perspectiva de ruptura, los poetas de cada década adoptarán distintas estrategias e irán configurando líneas poéticas identificadoras, tanto personales como generales. La indagación y el encuentro de nuevos caminos poéticos unirán voces que han ido adquiriendo prestigio y que servirán de modelo a los jóvenes poetas de cada una de las literaturas del ámbito peninsular. Desde esta perspectiva, lo urbano actuará como eje estructurador común a favor de una poética de alcance peninsular. Voces masculinas, como Antonio Colinas, y femeninas, como Maria Mercè Marçal, entre otros autores, harán que la ciudad, con sus distintos motivos, se transforme en un *yo* poético para las distintas literaturas peninsulares. En función de ello, focalizaremos nuestro trabajo sobre este aspecto e intentaremos diseñar un engranaje de encuentros y desencuentros, de convergencias y divergencias en la polifónica poética peninsular.

Mérida Jiménez, Rafael M. (Universitat de Lleida).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Auditori

“Presencias e interacciones en los orígenes de las literaturas ibéricas: milagros, magias y maravillas entre latines y romances”

La presente comunicación va a centrarse en un tema que durante los últimos años ha ido ganando cierto relieve: el puesto desempeñado por la esfera sobrenatural en la

configuración de la cultura cristiana del Medioevo occidental, aquella que, según Jacques Le Goff, podría dividirse en tres ámbitos definidos, justamente, por otros tantos términos latinos: “*magicus*”, “*mirabilis*” y “*miraculosus*”. A juicio del celebrado investigador francés, frente al milagro divino, lo mágico se inclina hacia lo sobrenatural ilícito o engañoso, de origen diabólico; entre ambas esferas, se desarrollaría un mundo maravilloso, *neutro* y tolerable, que procedería de un sistema pre-cristiano tradicional recuperado por la cultura erudita. Mi objetivo fundamental es apuntalar una vindicación tan sencilla como, en ocasiones, desdeñada: la importancia de las letras hispano-latinas para comprender las dimensiones de un *imaginario sobrenatural* que penetra tanto en las piezas menos apreciadas en nuestros manuales como en los textos más indiscutidamente canónicos. Dicho de otra manera, una aproximación sobre los cauces de la órbita sobrenatural en las literaturas peninsulares tampoco puede ignorar la trayectoria de las letras latinas, pues de otra manera descartaríamos el pilar fundamental de la tradición cristiana, que a su vez constituye la espina dorsal que las sustenta. Nuestro propósito sería iniciar un proceso de reevaluación del puesto desempeñado por el apóstol Santiago como expresión no sólo de una espiritualidad *guerrera* sino, además, a nivel metodológico, como metáfora de la imposibilidad de un análisis que desatienda las tradiciones latinas y, a nivel teórico, como paradigma de un nuevo modelo de investigación del *imaginario cultural* hispánico en torno a los orígenes, las presencias e interacciones de las literaturas románicas peninsulares.

Mori de Arriba, Marta (Academia de la Llingua Asturiana).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Sala 102

“Traducción y autotraducción en la literatura asturiana contemporánea”

Con este trabajo se pretende examinar las funciones desempeñadas por la traducción literaria en el desarrollo de la poesía y la narrativa del Surdimientu. Este movimiento literario, iniciado en 1974, supuso el resurgir de la literatura en asturiano, que durante el período franquista se había visto relegada a los ámbitos del folklore y del arte popular. En su afán de dotar a la literatura asturiana de modelos literarios contemporáneos, los escritores del Surdimientu realizaron un uso consciente de la traducción. Ésta última no sólo fue considerada como un medio para ampliar las posibilidades de la lectura literaria en lengua asturiana, sino que, a través de las traducciones libres y las menciones, se ha convertido en un recurso literario más, una forma de intertextualidad que pone al texto literario en comunicación con otros textos y otras lenguas. Son habituales, en este

sentido, las citas, alusiones y paráfrasis de textos tomados de otras literaturas - fundamentalmente de la gallega, la portuguesa, la catalana y la vasca-, así como procedimientos como la parodia o el *pastiche* explícitamente formulado, las recreaciones y las versiones. Esta concepción abierta de la traducción, que en los casos más extremos pone en crisis la noción misma de autoría, ha sido trasladada, en los últimos tiempos, a la publicación de obras asturianas vertidas al castellano. Este proceso, que en principio responde a una demanda editorial, ha dado lugar al fenómeno de la autotraducción, desencadenando, en muchos casos, una nueva cadena de transformaciones textuales ejecutada por los propios escritores que vulnera deliberadamente los criterios habituales de traducción.

Navas Sánchez-Élez, M^a Victoria (Universidad Complutense de Madrid).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Auditori

“*Estvdio* (1913-1920): Las letras portuguesas en una revista catalana de expresión castellana”

El rico contenido de una publicación como *Estvdio* (1913-1920) cuenta entre sus páginas con una puntual información acerca de la cultura portuguesa y de su vida literaria, acogiendo nombres que van desde la cronología de la ‘Renascença’ hasta el modernismo y el inicio de la vanguardia, junto con la presencia de referentes clásicos como el Romancero y Camões. Tal vez como derivación de la corriente iberista y, en todo caso, en correspondencia con el auge peninsular de las revistas literarias entre los años diez y veinte, así como con la intercomunicación coetánea entre las letras peninsulares, *Estvdio* ofrece un importante noticiero, acompañado de colaboraciones y traducciones portuguesas en torno a nombres como Eça de Queiroz, Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, Fidelino de Figueiredo..., material desde el que se proyecta la imagen de Portugal en los receptores castellanos y catalanes. Hemos llevado a cabo el vaciado del material portugués contenido en *Estvdio*, eligiendo para la presente comunicación las muestras precisas con las que razonar el perfil de lo portugués en sus páginas; también hemos considerado la utilidad de estudiar la trayectoria de los componentes de la redacción de la revista citada, para profundizar en los puentes existentes entre las firmas portuguesas y catalanas, así como la oportunidad de poner frente a frente publicaciones como *A Águia* y *Estvdio*.

Noia Campos, María Camiño (Universidade de Vigo).

Ponència: dijous 18, 16.00-17.00. Sala 102

“La alternancia oralidad-escritura en la trasmisión de la narrativa oral en la Península Ibérica”

A partir de los orígenes remotos de los cuentos orales, en Oriente y en la cultura greco-latina, se explicará el proceso de recreación y trasmisión de los cuentos en las cinco áreas lingüísticas de la Península. Analizando la importancia de la escritura en este proceso, ya que sabemos que un buen número de cuentos recogidos de boca de informantes analfabetos desde el siglo XIX están en colecciones de cuentos medievales, y se sabe que ambas historias, la escrita y la oral, circularon de forma paralela en ámbitos sociales diferentes, intercambiando temas, motivos y personajes. Así mismo, se mostrará como las afinidades etnográficas entre las distintas áreas lingüísticas pueden condicionar la recepción de los mismos etnotextos.

Para ejemplificar la primera parte de la exposición, se expondrán dos o tres ejemplos de cuentos que circularon en la oralidad por varias áreas y que tuvieron versiones escritas en alguna de ellas; mostrando las variedades existentes entre unas y otras versiones.

Olaziregi, María José (Universidad del País Vasco / University of Nevada, Reno).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Auditori

“La literatura vasca y sus ansiedades: análisis comparatista de su recepción”

El profesor F. Cabo Aseguinolaza en un artículo publicado en el monográfico *The Idea of Europe (Comparative Literature 58, Fall 2006, n. 4)* no dudó en hablar de “*anxiety to reach a world - or at least Western- stature for Basque Literature*” [sic] a propósito de algunas aportaciones comparatistas de la crítica literaria vasca contemporánea. Pero, ¿responden dichas lecturas comparatistas a un estado de ansiedad que vive una literatura minoritaria como la vasca? Ése será, precisamente, el punto de partida de nuestra comunicación: tratar de analizar si existe tal ansiedad por incluir la literatura vasca en el mapa de la literatura mundial y reflexionar en torno a la recepción que los autores vascos contemporáneos han tenido sea en el ámbito ibérico, sea en el internacional. Para ello, analizaremos la recepción crítica de algunas obras de autores significativos como Bernardo Atxaga o Ramón Saizarbitoria, o de algunas antologías de literatura vasca actual. Recalaremos, en especial, en las diferentes concretizaciones que han generado sus obras. Cuestiones referentes a la política de traducción, o a los canales de mediación, nos aportarán datos interesantes sobre la trayectoria que algunas obras

literarias vascas han tenido en diferentes sistemas literarios. Trataremos, en definitiva, de aproximarnos a la norma estética (cf. J. Mukarovsky) con la que se han valorado los textos literarios vascos en diferentes países y a los procesos de canonización que éstos han generado.

Olmo, Karlos del (EIZIE).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Auditori

“La colección *Literatura Unibertsala* (EIZIE) y las literaturas ibéricas”

Tras haber adjudicado en 2009 las últimas obras de las dos épocas que conforman el primer periodo de la colección *Literatura Unibertsala*, financiada por el Gobierno Vasco y gestionada por EIZIE, Asociación de Traductores, Correctores e Intérpretes de Lengua Vasca, y a la espera de que se decida si la mencionada colección continuará adelante y, de hacerlo, bajo qué formato, ha llegado el momento de realizar una reflexión sobre la importancia de esta colección en la evolución de la traducción al euskera desde 1990. En concreto, por lo que se refiere a las obras y lenguas incluidas en ella, merece un especial análisis la muestra de las lenguas ibéricas en este ensayo de canon de la literatura universal traducida al euskera.

Ortega Román, Juan J. (Universidad Complutense de Madrid).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Sala 102

“Víctor Català, traducida y/o autotraducida: versiones castellanas de *Ànimes mudes*”

El cuento de Caterina Albert i Paradís, Víctor Català, *Ànimes mudes* (*Ombrívoles*, 1904) fue sucesivamente traducido al castellano por José de Betancourt, Ángel Guerra (*Vida trágica. Colección de cuentos*, 1907), Rafael Marquina (*Dramas rurales. Novelas breves*, 1921) y, posiblemente, autotraducido por su autora para las páginas de *Lecturas* (Barcelona, 1923). Nuestra intención es realizar un estudio comparativo entre ambas traducciones desde el punto de vista léxico y morfosintáctico, sin descuidar los posibles referentes culturales de la autora y de su tradición cultural, al tiempo que arrojar luz sobre la posibilidad de que la versión publicada en *Lecturas* sea en realidad una traducción llevada a cabo por la propia escritora. Como soporte informativo, para la historia externa de las traducciones presentadas, cabe valerse del material epistolar publicado, firmado por Víctor Català y sus traductores y editores (Ribera, 2007); y también, para cuestiones intrínsecas textuales, nos serviremos de la experiencia previa que tenemos sobre la complejidad traductora tanto de la frase y del léxico como de los

registros lingüísticos de la autora de la Escala, al haber analizado en trabajos anteriores las traducciones rumana y castellana de *Solitud* (Ortega, 2002, 2006).

Ortín, Marcel (Universitat Pompeu Fabra).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Sala 102

“El nacionalisme cultural català del primer terç del segle XX i la seva difusió en castellà.

Notes sobre l’activitat de Josep Carner »

El moment d’afiançament del nacionalisme polític català, en les primeres dècades del segle XX, coincideix amb el projecte de construcció d’una cultura integral en llengua catalana. L’interès a portar a terme aquest projecte va reunir al voltant de l’autoritat d’Enric Prat de la Riba intel·lectuals i escriptors d’edats i procedències diverses, entre els quals podem destacar Pompeu Fabra, Jaume Bofill i Mates i Josep Carner. La tasca a realitzar era de modernització i institucionalització dels instruments culturals, amb la llengua en primer lloc, i la seva direcció natural era la que llavors va denominar-se amb l’expressió «Catalunya endins». Tanmateix, la constatació diària de la incomprensió d’aquest projecte per part dels agents polítics i culturals de l’Estat va fer veure de seguida la necessitat de donar-lo a conèixer també «Catalunya enfora». Per a aquest fi van ser utilitzades algunes tribunes de Barcelona, com les revistes *La Catalunya* (1907-1910) i *Cataluña* (1911-1912), publicades expressament en castellà, i també algunes de Madrid que presentaven una actitud receptiva a les diverses cultures peninsulars, com el setmanari *España* (1915-1920). Josep Carner, que ja havia fet tasca de difusió de la literatura catalana en castellà per mitjà de traduccions des de 1903, i en català havia satiritzat repetidament la incomprensió castellana, va col·laborar en aquestes publicacions amb articles que resumeixen molt bé les expectatives del nacionalisme cultural català respecte a l’Estat abans que fossin frustrades per la instauració de la dictadura de Primo de Rivera, al setembre de 1923.

Pageaux, Daniel-Henri (Université de la Sorbonne).

Conferència: divendres 19, 12.30-13.30. Auditori

“La península ibérica como espacio intercultural”

La península ibérica es de por sí un espacio intercultural por las varias lenguas y culturas que la integran. Podemos contemplar este espacio como un sistema complejo ("polisistema" de lenguas, tradiciones culturales, literaturas). Desde una perspectiva comparatista que es la mía, me dedicaré sobretodo a las relaciones luso-españolas (eso

quiere decir también luso-gallegas e incluso luso-catalanas que vienen a matizar el mapa de los intercambios culturales y literarios).

A lo largo de los siglos se desarrollaron entre España y Portugal unos complejos procesos ideológicos en que se mezclaron enemistad e ignorancia mutua, a veces indiferencia, pero, de parte de unos pocos literatos o pensadores, una viva idea de comunidad espiritual que se llamó en el siglo XIX "iberismo". Sobre este telón de fondo estacan unas obras maestras en las que podemos rastrear las vivas huellas de un diálogo intercultural (basta mencionar a Eça de Queirós, Oliveira Martins, Unamuno, Gómez de la Serna y hoy día Saramago).

Con esta ponencia intentaré hacer el balance de esta doble impronta cultural y un diálogo que, por problemática que haya sido, no deja de deparar ejemplos de interrelaciones (epistolario, literatura crítica, temas y mitos poéticos y hasta imaginario).

Parcerisas, Francesc (Universitat Autònoma de Barcelona).

Conferència: dijous 18, 10.00-11.00. Auditori

“La difusió de la literatura catalana en el món editorial espanyol”

Pardo de Neyra, Xulio (Universidad de Extremadura).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Auditori

“O nacemento do vangardismo galego no marco das literaturas peninsulares. Compromiso político e interese integrador”

Se trata de una aproximación en la que se dará cuentas de la presencia y del valor interactivo entre las literaturas peninsulares al calor del proyecto vanguardista del siglo XX, un ámbito en el que la mayor parte de las literaturas de la Península Ibérica se volcaron con la renovación que implicaba el diseño de un nuevo modo de entender el arte.

Pego Puigbó, Armando (Universitat Ramon Llull).

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Sala 102

“Entre modernidad y vanguardia: Antonio Espina y Francesc Trabal”

En la presente comunicación se pretende describir, de manera comparada, las raíces estéticas de dos de las propuestas más renovadoras de la narrativa española y catalana durante el periodo que, en la historiografía anglosajona, se denomina *Modernism*. La limitada recepción de autores como Francesc Trabal y Antonio Espina ha venido

determinada, entre otros motivos, por el polémico debate sobre los efectos de la crisis de la novela tanto en la literatura castellana como en la catalana. Sin obviar la repercusión histórica que tuvo en cada una de ellas la publicación de *Ideas sobre la novela* y *La deshumanización del arte* de Ortega y Gasset o el debate “Sagarra-Riba”, se quiere explorar, desde una perspectiva europea, las razones por las que la aplicación, por parte de Trabal y Espina, de modernos principios técnicos y compositivos (caracterización de personajes, autorreferencialidad, técnicas cinematográficas, dislocación en el uso del tiempo y del espacio, además de la exigencia poética de la prosa), planteó problemas teóricos para alcanzar una síntesis novelística que intentaba superar el paradigma realista. Cabe buscar los posibles paralelismos y hasta las convergencias entre una y otra obra en el diálogo con la experiencia estética de las vanguardias europeas en las que se insertaban y en la exasperación narrativa de sus propias contradicciones. Teniendo presente el magisterio de Max Jacob, Jean Cocteau, André Breton o Ramón Gómez de la Serna, será posible rastrear una similitud de respuestas que entrelaza la reflexión del Grup de Sabadell con la de los «Nova Novorum». A tal fin, se analizarán conjuntamente *Pájaro pinto* (1927) y *Luna de copas* (1929) de Espina, y *L'home que es va perdre* (1929), *Judita* (1930) o *Vals* (1936) de Trabal.

Pereira, Maria de Lourdes (Universitat de les Illes Balears).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Sala 104

“De discípulo a mestre ; a lição de Manuel Laranjeira”

Ao longo da estreita e complicada relação que Portugal e Espanha foram estabelecendo ao longo da história, foram teimando em aparecer vozes que alimentariam inúmeros momentos de diálogo entre duas culturas tão próximas e, muitas vezes, tão distantes. Um dos diálogos mais enriquecedores para a história do nosso pensamento moderno surge a partir do confronto de ideias que brotam da geração de 70, em Portugal, e da geração de 98, em Espanha. Hoje, já instalados no século XXI, e à medida que vamos adquirindo uma perspectiva cada vez mais nítida e conjunta sobre a realidade em que vivemos, reconhecemos que a soleira da modernidade em que nos instalamos assenta em pilares que se começaram a erguer há já mais de um século, mas que mantêm intacta a sua robustez. É justamente a força desse legado que nos obriga a repensar o exemplo dessas duas gerações que, por finais do séc. XIX, convergem numa mesma direcção e se empenham em despertar as mentalidades da época através de uma revolução das ideias. No entanto, a par do dinamismo e do empenho dos chamados “mentores” destes grupos

devemos admitir que se o diálogo evoluciona é graças ao entusiasmo de outras figuras que gravitam em torno destas gerações e que foram capazes de assimilar essa mesma preocupação. E é assim que, enquanto espectadores atentos do diálogo provocado precisamente por Unamuno, nos deparamos com Manuel Laranjeira (1877-1912) quem, como discípulo atento dos grandes pensadores da geração de 70, analisando e traduzindo o espírito de um povo como poucos o conseguiram fazer, se transformará também ele num mestre, sendo capaz de transmitir ao professor salmantino a lição aprendida. E o diálogo seguirá!

Pi-chiao, Liu (Wenzao Ursuline College of Languages, Taiwán).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Auditori

“Imágenes de las ciudades bajo el fascismo en la narrativa española actual: *La sombra del viento* y *Los libros arden mal*”

En esta época informática y cibernáutica, el net está cambiando las costumbres del lector; empero nos sorprende que el escritor catalán Carlos Ruiz Zafón y el gallego Manuel Rivas tejan, con el tema de libro, los argumentos de sus novelas, respectivamente, *La sombra del viento* y *Los libros arden mal*. La búsqueda de «un libro» no sólo hace que las dos novelas lleguen a teñirse de suspense y destaquen las técnicas narrativas de formas prurales y dispares, sino también que dirija al lector a conocer las historias de dos ciudades autónomas españolas: Barcelona y A Coruña. *La sombra del viento* se trata de una historia trágica de amor, con la que se presenta la Barcelona desde la revolución industrial hasta la mitad del siglo XX; mientras tanto, *Los libros arden mal*, a través de la memoria colectiva, describe las historias y vidas de varios personajes de A Coruña que ocurre desde finales del siglo XIX hasta la actualidad. Por lo demás, nos atrae la atención de que las dos novelas, evidentemente, acusan de la deshumanidad del régimen franquista, un fascismo español que ha dejado una herida imborrable para los ciudadanos de dichas ciudades, en realidad, para todo el pueblo español. Por lo dicho, esta investigación, a partir de la perspectiva narrativa y histórica, intenta hacer una comparación de las imágenes de dichas ciudades para reconstruir una España contemporánea bajo las plumas de dos escritores de diferentes regiones autónomas. Entonces, además de la presentación de las estructuras narrativas de *La sombra del viento* y *Los libros arden mal*, profundizará en el análisis de las imágenes de dichas ciudades en tres etapas: antes de la guerra civil española, en la

guerra civil y la posguerra, sobre todo, en las dos últimas, bajo el régimen del fascismo español.

Pinyol Torrents, Ramon (Universitat de Vic).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Sala 102

“L’edició (fallida) de l’obra completa de Verdaguer per part de la RAE (1904)”

Arran de la mort de Jacint Verdaguer (1902) es van començar a gestar projectes d’edició de la seva obra completa, tant de la publicada en vida de l’autor com de la que havia deixat inèdita. A banda d’alguns problemes testamentaris que afectaven la propietat intel·lectual que es detallaran en la comunicació, la primera proposta d’editar l’obra completa de l’escriptor fou de la Diputació de Barcelona poc abans de la seva defunció, proposta ràpidament oblidada per la corporació. El 1904, per una iniciativa de Josep M. Carulla, un dels traductors al castellà de Verdaguer, s’obrí un procés per intentar publicar en edició bilingüe l’obra completa de l’escriptor, amb intervencions notòries del P. F. Miguélez i d’Antonio Maura, aleshores president del govern espanyol, el qual, com a acadèmic que era, intentà que fos la institució lingüística madrilenya qui se’n fes càrrec. Com que no hi havia traducció castellana d’una part de les obres verdaguerianes, la RAE decidí de moment fer-ne l’edició només catalana i convocar concursos per anar traduint el que mancava al castellà. Quan ja hi havia l’acord de la RAE, el pressupost, un curador i una proposta de conveni amb els hereus, va resultar que aquests, per pur afany de lucre immediat, van deixar penjat el projecte madrileny i es van vendre els drets als editors barcelonins Toledano, López i Cia., que van engegar una edició força luxosa de l’obra completa, de la qual van sortir set volums entre 1905 i 1908. La comunicació, amb documentació coneguda i bastant d’inèdita, pretén reconstruir la història d’aquesta edició frustrada de l’obra de Verdaguer per part de la Real Academia Española.

Piquer Desvaux, Alicia (Universitat de Barcelona).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Auditori

“Encuentros y desencuentros en la recepción y traducción de la poesía francesa contemporánea”

Para muchos la poesía contemporánea francesa tiene su edad de oro en la llamada poesía de vanguardia y los surrealistas, difundidos, traducidos (con algunas excepciones) y reeditados en el conjunto de la península. Innegable el eco en la crítica y

el diálogo entre poetas-traductores y poetas-traducidos. Tal evidencia relega sin embargo a una repercusión próxima al silencio la actividad de otros movimientos ajenos al surrealismo o la evolución posterior de los vanguardistas. Con excepción de Valéry, Char o Bonnefoy (y pocos más), la frenética creación francesa a partir de 1945 fue relegada precisamente cuando muchos poetas franceses se interesaron en traducir poesía española, clásica y moderna. Muchas son las causas de este fenómeno: desde el interés despertado por otras literaturas o el ensimismamiento nacional dado el momento político, a la propia dispersión de los poetas franceses y el cada vez menor interés del público hacia la poesía en general. Y, sin embargo, pese a la menor difusión o a las grandes lagunas, hay que decir que la traducción de poetas franceses contemporáneos ofrece un panorama menos desalentador cuando se le analiza con detenimiento y comparando la recepción en las distintas lenguas hispánicas. Las tradicionales líneas en castellano y catalán se enriquecen con las recientes versiones en lengua gallega. Y las traducciones se diversifican según se quiera dar una visión de época, de generación o de autor, a partir de revistas, de colecciones o de diversos tipos de antologías. Es lo que intentaremos mostrar en nuestro estudio.

Pires, Natália Albino (Instituto Politécnico de Coimbra).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Sala 102

“O romance “Morte Ocultada” na Península Ibérica: actualização linguística ou autotradução entre línguas ibéricas?”

A tradição baladística ibérica, mais conhecida como romanceiro, caracteriza-se, entre outros aspectos, por apresentar especificidades intimamente relacionadas com a realidade linguística da Península Ibérica. Nesta medida, no espólio romancístico hispânico e em diferentes regiões (Galiza, Catalunha e Portugal) encontramos textos unilingues, bilingues e trilingues. Partindo de um romance bastante difundido no espaço ibérico e cujo tema é comum a outras baladas europeias, procuraremos averiguar se, ao processo de tradicionalização, subjaz um processo de actualização linguística para galego, catalão e português ou se, pelo contrário, a tradicionalização dos romances implica um processo de autotradução entre as línguas ibéricas. Analisaremos, por isso, versões do romance “Morte Ocultada” recolhidas em diferentes regiões e em diferentes épocas.

Ramis, Josep Miquel (Universitat Pompeu Fabra).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Sala 102

“Sebastià Juan Arbó, autotraductor”

Sebastià Juan Arbó (1902-1984) era un escriptor en llengua catalana fins a la Guerra Civil espanyola. Arran del desenllaç de la guerra, Arbó va esdevenir un escriptor tant en llengua catalana com en llengua castellana. Aquest pas d'una llengua a una altra va tenir un pas intermedi: l'autotraducció. A partir de la seva primera autotraducció al castellà (*Tierras del Ebro*, 1940), Sebastià Juan Arbó es va introduir en les lletres castellanès. Aquesta tasca autotraductora, que encetà el 1940, no l'abandonà en la resta de la seva obra catalana, malgrat algunes excepcions, i mai no l'exercí en la seva obra escrita originalment en llengua castellana. Amb aquesta comunicació pretenem establir el recorregut de Sebastià Juan Arbó com a autotraductor, reflexionar sobre les motivacions que el van empènyer a dur a terme aquesta tasca i mirar d'intuir quin tipus d'autotraducció fa o de quin tipus d'autotraductor es tracta. Tot plegat dins del context de les relacions entre la literatura catalana i castellana, però sense perdre de vista què fan els seus contemporanis a la resta d'Europa.

Ribeiro Gonçalves, Artur Henrique (Universidade do Algarve).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 104

“Terceira parte portuguesa do Guzmán de Alfarache. As metamorfoses do pícaro na visão do 1.º Marquês de Montebelo”

O *Guzmán de Alfarache* de Alemán é, com o *Lazarillo de Tormes* e o *Don Quijote* de Cervantes, uma das obras maiores que abrem as portas ao romance realista moderno.

O impacte causado por cada uma delas levou a diversas continuações canónicas, apócrifas e inéditas. A *Tercera Parte de Guzmán de Alfarache*, do português Félix Machado de Silva e Castro, 1.º Marquês de Montebelo, encontra-se nesta última situação. Redigida em castelhano depois de 1650, manter-se-á esquecida até 1927, quando Gerhard Moldenhauer a publica na *Révue Hispanique*, seguindo um manuscrito da Biblioteca da Ajuda. A singularidade do inédito português reside na recuperação completa do pícaro. Montebelo clarifica as origens do protagonista, liberta-o das manchas familiares e dos pecados passados, assegura-lhe a pureza do sangue e a honorabilidade social. O rebaptizado don Juan de Guzmán enceta uma peregrinação penitencial entre Sevilha e Compostela, com passagem por Portugal. Desenganado dos homens e do mundo, o ex-pícaro, ex-ladrão e ex-galeote veste o hábito franciscano e converte-se em ermitão. A vitória do livre arbítrio sobre a predestinação para o crime

estava comprovada. Doravante, a exemplaridade da sua vida poderia funcionar como um verdadeiro guia de conduta para os demais. No final do relato, deparamo-nos com a transformação do anti-herói pícaro e andarilho criado por Alemán no herói anti-pícaro e sedentário recriado por Montebelo. A terceira parte portuguesa do *Guzmán de Alfarache*, ao converter o moço de muitos amos e ofícios, no servo de um único Senhor e devoção, ao substituir as soluções de continuidade efabulativa das duas partes canónicas, anuncia a conclusão do processo de desintegração do género, a passagem para novas formas e paradigmas literários, que a posteridade se encarregará de assimilar, desenvolver e globalizar.

Ribera Llopis, Joan M. (Universidad Complutense de Madrid).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Sala 102

“Des de l’horitzó veí: a propòsit de Víctor Català”

La interrelació literària castellana-catalana entre els anys vuitanta del segle XIX i el primer terç del nou-cents, animà una atenta mirada lectora de les lletres catalanes des de la resta peninsular. Profitós seguiment que passà a evidenciar-se en sucoses línies crítiques - per exemple, les conegudes consideracions de Miguel de Unamuno sobre Joan Maragall, poeta, i Josep Pous i Pagés, novel·lista -, aquest material és una mostra de com, tal vegada, a l’atenta lectura s’afegia una altra sensibilitat o una distància interpretativa. Es projecta així una diversa perspectiva crítica, a la fi enlluernadora sobre els textos catalans i, potser, no del tot coincident amb la nadiua, autònomament projectada sobre els propis creadors a l’orient ibèric. Caterina Albert i Paradís, Víctor Català, i la seva producció – presentada i comentada en castellà des de 1904 per Emilia Pardo Bazán, d’acord amb els papers fins avui recuperats (Ribera, 2007), i, successivament, per León Pagano, Blanca de los Ríos, José de Betancourt-Ángel Guerra, Andrés González Blanco, Matilde Ras, Rafael Marquina, Cipriano Rivas Cherif, María Luz Morales, Eduardo Gómez de Baquero, Domingo Brunet, Ricardo A. Latcham..., a més dels escriptors catalans executors de crítica en castellà com Ramon Doménech Perés, Josep Carner o Gabriel Alomar -, ne són prova de com els seus comentaristas i prologuistes en castellà, ben coneixedors de la tradició catalana, són mereixedors de reconeixença per haver destacat determinats nexes de l’obra de l’autora escalença que, potser, obviaren els crítics catalans. Des dels ligams amb el seguit de les escriptores europees, amb la frase flaubertiana o amb el *verismo* italià fins a la combinació d’observació i intuïció com a equilibri de la seva poètica, aquelles

signaturas advertiren d'indicis escriturals de Víctor Català, al temps que notificaren el rebuig d'una crítica catalana de segell noucentista, això ja en una cronologia coincident amb els anys vint, els de la seva major difusió editorial en castellà. La present proposta de comunicació cerca apropar-se al reconeixement d'aquesta *altra* mirada crítica sobre les lletres catalanes, executada des d'un *diferent* però *proper* horitzó d'una mateixa *zona* o *comunitat interlitària*, i destacar-ne la seva possible rellevància com a font informativa en l'estudi del diàleg literari peninsular.

Ribes, Àngels (Universitat de Lleida).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 102

“La recepción comparada de Alphonse Daudet en *La Ilustración Española y Americana* y en *L'Avens* (1882-1893)”

La revista madrileña *La Ilustración Española y Americana*, de carácter conservador, consideró el naturalismo francés como extravagante y desagradable porque estaba reñido con el buen gusto de la burguesía y la aristocracia que eran sus lectores. Por eso, si las teorías naturalistas de Zola recibieron críticas negativas por parte de los colaboradores de la revista, la prosa “naturalista” de Daudet, en cambio, tuvo más afinidades con los escritores realistas/naturalistas españoles. Por su parte, la revista progresista y catalanista *L'Avens* adoptó el naturalismo porque encajaba perfectamente con sus ideales de renovación cultural, artística y literaria de Cataluña. En este sentido, publicó traducciones y reseñas de las obras de Zola y Daudet y artículos sobre el naturalismo. Así, a través las páginas de las dos revistas, nuestro objetivo reside en comparar la recepción de Daudet y su repercusión en la literatura española y catalana (similitudes, divergencias...).

Rodríguez Cáceres, Rogelio (IES Fuente Luna, Pizarra, Málaga). Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Auditori

“El *haiku* de tres lenguas: la literatura japonesa, mallorquí y castellana”

Desde este punto de vista, pienso abordar los principales autores y motivos poéticos del género y realizar una exposición comparada de su devenir, comenzando por el consagrado Matsuo Basho y los posteriores maestros del género (Shiki, Buson, Santoka, Onitsura, etc...) y profundizando en autores peninsulares de la talla de Susana Benet, Frutos Soriano, José Cereijo, Joan Alcover, Jacobo Sureda, Llorenç Vidal, etc.

Rodríguez González, Olivia (Universidade da Coruña).

Comunicació: divendres 19, 11.00-12.30. Auditori

“La poesía gallega en la revista española *Papeles de Son Armadans* (1956-1979)”

La revista *PSA*, que Camilo José Cela creó y dirigió desde Palma de Mallorca en un período clave de la evolución de la poesía en la Península, dio cabida a otras literaturas ibéricas como la gallega. En la revista intervienen escritores de Galicia cuya cooperación y difusión procura Cela, en un empeño de incluir voces poco atendidas en el panorama oficial de la cultura española de ese período. El trabajo se ocupará de dar cuenta de este hecho y de su contextualización sistémica en el período literario correspondiente.

Romero Tobar, Leonardo (Universidad de Zaragoza).

Conferència: dissabte 20, 13.00-14.00. Auditori

“El Romanticismo y las primeras historias de las literaturas ibéricas”

La recuperación crítica de documentos y la sistematización biográfico-bibliográfica sobre los escritores de los tiempos pasados sentaron las bases del historicismo de la Ilustración. Sobre estos antecedentes inmediatos la crítica literaria de los románticos y la práctica científica de entonces reciente Filología Románica abrieron el camino para la publicación de las primeras “Historias de las Literaturas nacionales” modernas.

Tales estudios aportaban una reacción contra la Poética universalista en la medida que pretendían establecer la identificación de cada comunidad nacional a partir, entre otros elementos, del cultivo de la creación literaria propia, por lo que las “Historias de literaturas nacionales” ocupan un lugar muy destacado en los estudios filológicos y literarios de los siglos XIX y XX.

Ahora bien, la identidad literaria nacional no se puede delimitar sin un grado de comparación con otras literaturas nacionales, una perspectiva que en el caso de las literaturas ibéricas resulta imprescindible tener en cuenta, dadas la proximidad lingüística y cultural de todas ellas, especialmente las de origen románico. Señalar los puntos de convergencia y de divergencia mantenidos en las primeras Historias de las literaturas catalana, castellana, portuguesa y gallega publicadas en el siglo XIX (F.-R. Cambouliu, José Amador de los Ríos, Teófilo Braga, Augusto González Besada) constituye el núcleo de esta intervención en la que se apuntarán asimismo los antecedentes inmediatos de las Historias literarias nacionales y sus derivaciones

posteriores en los ensayos dedicados a delimitar, a finales del XIX y principios del XX, los “caracteres primordiales” de cada literatura.

Sáez Delgado, Antonio (Universidade de Évora).

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Auditori

“Los vasos comunicantes del Simbolismo/Modernismo en la Península Ibérica”

El Simbolismo portugués fue una de las corrientes estéticas que con más fuerza se hizo presente en la España de principios del siglo XX, donde la huella del poeta Eugénio de Castro se mostró bien visible. Numerosos poetas españoles fueron permeables a las propuestas del poeta de Coimbra, acercándose a un cierto parnasianismo que no tuvo demasiado éxito en el contexto español. Por otro lado, la corriente de poesía trascendental y panteísta defendida por Teixeira de Pascoaes fue también un punto de referencia obligado para los poetas españoles del momento, deslumbrados por la teoría saudosista del poeta de Amarante. Entre una corriente y otra –y participando de ambas– vive el Modernismo español, hijo de la poliforme modernidad literaria ibérica. En esta comunicación se abordarán algunos de los puntos de encuentros y de las corrientes subterráneas existentes entre los autores de las literaturas portuguesa y española del tránsito finisecular y de las primeras décadas del siglo XX.

Sánchez Ramos, Verónica (Universidad de Extremadura). Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Sala 104

“Relaciones literarias peninsulares: Siete antologías de poesía portuguesa traducidas y publicadas en España”

Esta comunicación pretende mostrar un acercamiento a las relaciones literarias peninsulares durante la primera mitad del siglo XX a través de la traducción y publicación de siete antologías de poesía portuguesa. De esta forma podremos observar las vías de penetración de la poesía portuguesa –y del canon asumido en este sistema literario– en España, cuáles son los territorios más proclives a recibir y difundir la literatura del país vecino y, también, las razones que explican este interés. Las relaciones entre los distintos sistemas literarios peninsulares en la primera mitad del siglo XX nos mostrará el contexto histórico en el que se han producido estas siete antologías de poesía portuguesa. Dicho contexto, influido en gran parte por aspiraciones políticas como el "iberismo", explica el interés por traducciones de unos y otros

sistemas literarios peninsulares. Estos presupuestos sobre la unión Ibérica vivieron diferentes momentos de intensidad, donde uno de los más importantes fue el que implicó de forma más intensa a Cataluña, factor que explica sin lugar a duda la prevalencia de este sistema literario entre las vías de penetración de la cultura portuguesa en el estado español. Como no podía ser menos, a estos planteamientos políticos se les une también la importancia de las literaturas nacionales y sus respectivas historias literarias como instrumentos de creación, configuración y divulgación de los estados modernos. La construcción de la literatura nacional está estrechamente ligada a la propia constitución de los estados-nación a partir del siglo XIX, y de sus respectivos campos culturales. La diversidad de situaciones históricas, políticas e ideológicas de las que procede cada literatura nacional provoca que su propio canon tenga unas particularidades concretas.

Sansano, Biel (Universitat d'Alacant).

Comunicació: divendres 19, 09.00-10.30. Sala 102

“La fortuna de Ramón de la Cruz en el teatro català vuitcentista: Vicent Albertí, Josep Bernat i Baldoví i Eduard Escalante”

Seguint amb una línia de recerca que he començat (i que ja vaig introduir en el col·loqui Verdaguer), intente determinar la recepció de Ramon de la Cruz (i altres sainetistes espanyols com J. I. González del Castillo), en l'escena catalana del segle XIX a través de tres vies: a) la posada en escena de les obres; b) la difusió d'aquestes a través dels plecs de comèdies; c) les traduccions i reescriptures que en feren els poetes dramàtics catalans. En aquesta ocasió m'ocupe tan sols d'Albertí, Bernat i Baldoví i Escalante.

Santos, Ana Clara (Universidade do Algarve / CET- Universidade de Lisboa).

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Sala 102

“Recepção da tragédia clássica francesa na Península ibérica”

Por motivos de ordem política e cultural, a introdução da tragédia clássica francesa, pela via da tradução e da adaptação, é efectuada tardiamente na Península ibérica, ganhando alguma projecção somente a partir da segunda metade do século XVIII. Curiosamente, a sua introdução perante o público português e espanhol conhece as mesmas exigências e os mesmos contornos num panorama cultural e literário idêntico. Dada como resposta a uma crise evidente no sector teatral e editorial carente de obras originais, a tradução da tragédia clássica francesa é vista, no início, como uma resposta às necessidades

preocupantes de ordem estética e literária. Intento de uma minoria neoclássica e reformista que tenta introduzir na Península o género trágico na sua acepção mais clássica a fim de reformar o teatro e levar à criação de um novo repertório, a sua recepção rapidamente toma outros contornos definidos por outros agentes culturais que pretendem aproximar a tragédia do gosto do público de Madrid e de Lisboa, muitas vezes à margem da noção de género. Em todo o caso, traduções realizadas por ilustres literatos ibéricos como Pedro da Silva, Eugénio Llaguno y Amírola, Bernardo de Iriate, Juan de Trigueros, Cândido M^a Trigueros, Pablo de Olavide, García de la Huerta, Manuel de Figueiredo, Francisco José Freire, Filinto Elísio, Nolasco da Cunha e Almeida Garrett, entre outros, por vezes financiadas por personagens tão influentes do ponto de vista cultural e político como o conde de Aranda e o conde de Tarouca, não foram suficientes para implantar definitivamente o gosto pelo género trágico e a mudança esperada a nível estético. Tal fracasso explica-se, em grande parte, pela influência positiva exercida no grande público por outros géneros como a comédia sentimental e o melodrama que se implantarão durante o séc. XIX. Se a doutrina clássica e as regras de composição dramática marcaram a sua introdução na Península, não é menos verdade que a vontade concertada inerente ao processo de reabilitação dos clássicos no séc. XX constitui um novo desafio na arte teatral contemporânea capaz de despertar o interesse do público pelo discurso trágico e pela musicalidade do verso da tragédia clássica francesa.

Santoyo, Julio-César (Universidad de León).

Ponência: divendres 19, 16.00-17.00. Auditori

“Autotraducciones intrapeninsulares: razones históricas, motivos actuales”

Fenómeno frecuente ya desde el siglo XIII (Llull, Villena, Nebrija, fray Luis de León, Verdaguer), pero sobre todo en nuestros días (Cunqueiro, Atxaga, Rivas, Margarit, Riera, Gimferrer), la autotraducción viene despertando en los últimos años un creciente interés en el ámbito de los Estudios de Traducción. Pocos son, sin embargo, los autotraductores, del pasado y del presente, que han dejado testimonio explícito de los motivos que les han llevado a trasladar su obra a otra lengua peninsular. Con todo, aunque escasos, tales testimonios nos permiten conocer bien la variada casuística de este quehacer traductor: junto a razones sociopolíticas, económicas (‘pro pane lucrando’) y de mercado, también el deseo de ‘abrirse al exterior’ y difundir la obra

propia, el temor a que ésta caiga en manos de un mal traductor, la oportunidad de re-escribir el texto primero, etc.

Sanz Juez, M^a Ángeles (MEC) .

Comunicació: divendres 19, 17.30-19.00. Sala 104

“Anotaciones acerca de la presencia de autores españoles en la literatura dramática portuguesa en el siglo XX. La influencia de la censura. Índice de autores representados”.

Se aborda el período desde 1945 a 1974, tres décadas de actividad y producción dramática comprendidas antes del 25 de abril de 1974 en Portugal .Se presentan los autores dramáticos portugueses y los extranjeros traducidos y representados en esta época, señalando los contactos ibéricos y la presencia de la censura.

Sanz Roig, Diana (Universidad de La Sapienza / Universitat de Barcelona).

Comunicació: dissabte 20, 09.30-11.00. Auditori

“El modelo de la crítica francesa en la crítica literaria española (1918-1936)”

Tomando en consideración algunas conclusiones de nuestra tesis doctoral a propósito de la influencia de la crítica francesa en la prensa periódica de la Segunda República, el presente artículo se propone analizar el modelo de la *Nouvelle Revue Française* en las principales publicaciones españolas de la época, y las orientaciones críticas de Jacques Rivière y Jean Paulhan, directores de la publicación, André Gide, Charles du Bos, o Albert Thibaudet, crítico que Guillermo de Torre compararía a Cansinos-Assens. Este grupo, que reivindicó el clasicismo francés para ejercer un tipo de crítica en la que triunfaba el orden y la moderación, trató de mantener un justo equilibrio entre el juicio y el gusto. Para Thibaudet, la crítica debía ocuparse tanto de la obra como de la posición que ocupaba en la historia y en la sociedad, ejercicio que sin ceñirse a las prácticas del historicismo requería exégesis e interpretación histórica. El grupo de la *NRF*, y Thibaudet, en particular, sostuvieron que la crítica debía ser empeño de comprensión, propósito muy similar a las reflexiones de Cansinos-Assens en *Los temas literarios y su interpretación* (1924), a los comentarios de Benjamín Jarnés en sus artículos periodísticos, o a las palabras de Ortega cuando percibía en la crítica un esfuerzo de potenciar la obra elegida. Este trabajo se centrará también en algunos críticos catalanes que también quisieron seguir el ejemplo de sus homólogos franceses.

Sousa Leitão, Isilda de (Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril)

Comunicació: dijous 18, 11.30-12.45. Sala 104

“Anulación del tiempo y aventura histórica: Antero y Unamuno”

Pretendemos, con nuestra ponencia, evocar algunos de los paralelismos que parecen relacionar la obra poética de Miguel de Unamuno (1864-1936) a la de Antero de Quental (1842-1891), pero también, dentro del imaginario poético de los autores en estudio, realzar algunas de las que nos parecen ser sus distintas salidas poéticas, ante el drama humano.

Sousa Vieira, Célia (Instituto Superior da Maia).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Sala 102

“Teoria do Romance Naturalista Ibérico e sua Orientação Francesa”

O Naturalismo desencadeou, no momento da sua eclosão, enquanto manifestação literária, reacções ora violentas, ora entusiasmadas por parte da crítica. Com efeito, a querela naturalista, situada no alvor da Modernidade, dadas as suas premissas, o número de intervenientes, a qualidade e diversidade de perspectivas coetâneas sobre o movimento, oferece um terreno aliciante para o questionamento sobre os limites do fenómeno literário e sobre a historicidade do conceito de literariedade. Questionar o Naturalismo a partir de um conjunto de textos críticos, elaborados na Península Ibérica, entre 1865 e 1891, sobre a prática romanesca naturalista, e, nomeadamente, sobre a recepção da teoria e prática romanesca de Zola, implica rever algumas das questões que são colocadas à própria teoria literária, e, em particular, repensar os limites e potencialidade de áreas como a história literária, a sociologia literária, a estética de recepção, a literatura comparada e os estudos genéricos. Mas, seguramente, o facto que avulta como mais marcante no fenómeno de gestação e de afirmação da estética romanesca naturalista é aquele que nos remete para a interdisciplinaridade entre o texto literário e o seu amplo intertexto filosófico, ideológico e científico. Nesse sentido, parecem emergir como tendências gerais da teoria do romance naturalista ibérico o pendor para certo eclectismo que reduz a oposição entre cientificidade e idealismo e que tende para a busca, acima do plano concreto da exigência de modernização científica, de uma síntese, que seria, como sugere Antero de Quental “um espiritualismo idealista, enxertado, para florir e fructificar, no tronco robusto do materialismo”.

Tanqueiro, Helena (Universitat Autònoma de Barcelona).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Sala 102

“Traducir con el original y la autotraducción: La traducción al portugués de *Bearn o La Sala de les Nines* de Llorenç Villalonga”

La autotraducción es traducción y en tanto que tal constituye un caso extremo de la dialéctica autor-obra/traductor-obra porque es el único caso de traducción en que la misma persona realiza las dos tareas (simultáneamente de autor y traductor de su propia obra) que en general son desempeñadas por personas diferentes. En ese sentido, y desde el punto de vista de la Teoría de la Traducción Literaria, nuestra investigación con *case studies* nos permite afirmar que la autotraducción puede constituir un paradigma, una nueva vía de acceso a datos significativos de entre los cuales destacaremos los siguientes: el autotraductor es un traductor privilegiado porque, no sólo es un lector privilegiado de su obra sino que su doble calidad de autor y traductor le confiere una autoridad incuestionable en relación a su traducción; en la autotraducción hay una distancia cero en términos de subjetividad entre el autor y el traductor; a través del análisis comparativo entre original y autotraducción podemos verificar como el autor-traductor delimita su libertad de actuación como traductor y extraer datos relativos a la cuestión de la libertad/lealtad del traductor; en la mayoría de los casos la autotraducción constituye un original en la lengua meta y por consecuencia un caso singular en que se puede partir de la existencia de dos originales; a través del estudio de las autotraducciones tenemos acceso a datos que nos confirman que el proceso de la traducción no es unidireccional sino bi-direccional. En el campo del estudio de la autotraducción hay casos más extremos que otros. Por los motivos apuntados, procuraremos justificar la pertinencia del ejemplo escogido: la obra *Bearn o la sala de les nines/ Bearn o la sala de la muñecas*, de Llorenç Villalonga y la relevancia y aportación que estos datos pueden adquirir para el traductor de la obra a una tercera lengua, el portugués.

Uribarri Zenekorta, Ibon (Universidad del País Vasco).

Comunicació: dissabte 20, 11.30-13.00. Auditori

“Literatura vasca traducida al gallego”

Basándonos en el catálogo de libros traducidos del vasco a otras lenguas compilado y estudiado por Elizabete Manterola en el marco de su tesis doctoral vamos a desarrollar una descripción preliminar de las traducciones del vasco al gallego. Tras presentar brevemente las características del catálogo general (número de entradas, tipos de datos),

nos centraremos en el subcatálogo de las traducciones al gallego. Analizaremos los datos recogidos en el subcatálogo desde diferentes puntos de vista: desarrollo cronológico de las traducciones, autores traducidos, géneros traducidos (literatura infantil y juvenil, sobre todo), traductores y estrategias generales de traducción (presencia de traducciones directas e indirectas), etc. Tras este análisis podremos llegar a algunas conclusiones en forma de regularidades y normas pretextuales, como primer paso descriptivo de futuros análisis textuales. Se podrán también comparar los resultados con los obtenidos en la combinación lingüística vasco-catalán, por ejemplo.

Valdés Rodríguez, M. Cristina (Universidad de Oviedo).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Auditori

“Las traducciones de la literatura extranjera al asturiano y su recepción”

El Principado de Asturias es un ejemplo actual del reto que supone la defensa y promoción de una lengua, el asturiano, que aún no comparte el estatus de lengua oficial con otras lenguas de la Península Ibérica. Cuestiones de índole política y social han impedido la oficialidad del asturiano en Asturias. Sin embargo, los esfuerzos por parte de la Academia de la Llingua Asturiana, de otras instituciones culturales y académicas y de los escritores asturianos han supuesto un desarrollo importante de esta lengua minoritaria. Asimismo, las traducciones de obras de varias lenguas del contexto español y de otros países de distinta índole han aportado una visión nueva, como describiremos en nuestra ponencia. Para describir el impacto y usos de la traducción teniendo como lengua origen y/o meta el asturiano, partimos de los conceptos de polisistema y de norma. Se analizarán qué obras/autores de literaturas ibéricas y alguna no ibérica (catalán-francés-euskera-inglés-italiano-portugués...) han sido traducidos a la lengua asturiana y en qué circunstancias. Un elemento clave es el papel y la identidad del traductor que casi siempre traduce por razones ideológicas o estéticas y emplea la noción de traducción de distintas formas, incluyendo la autotraducción. El público objetivo y la finalidad son indicios clave a la hora de seleccionar los textos origen. Al encontrarse el asturiano en fase de estandarización, se están planteando debates interesantes acerca de la adecuación lingüística y estilística de la producción literaria así como de las traducciones a lengua asturiana. Estos debates apuntan también a la necesidad de una mejor formación de los traductores de lengua asturiana para adquirir una competencia traductora adecuada.

Veiga, Martín (University College Cork).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Auditori

“Unha viaxe de ida e volta: a presenza de Iberia na obra literaria de Pearse Hutchinson”

A produción literaria do poeta irlandés Pearse Hutchinson amosa unha verdadeira fascinación pola vida e a cultura ibéricas que se inaugurou coa súa primeira viaxe en 1950 e se mantén inalterábel ata a actualidade, tanto no eido da poesía como no da tradución. A súa obra poética está percorrida por múltiples referencias a diversas manifestacións da realidade nos países ibéricos, nun amplo abano experiencial que denota unha observación detallada da vida cotiá e que confirma un sentimento de solidariedade cara a todas as linguas e culturas minoritarias. De por parte, a publicación de *Done Into English* (2004), volume que recompila as súas traducións poéticas ao inglés, corrobora este interese a través da inclusión de abondosas versións de poemas escritos en varias linguas europeas, entre as que salientan o galego e o catalán. O presente relatorio examina o xeito en que o mundo ibérico atopa representación na obra literaria de Hutchinson. Ademais, formula unha hipótese que postula a relevancia esencial que o contacto humano e a interacción literaria do autor con Iberia presentan no desenvolvemento do seu propio discurso creativo.

Walters, Gareth (University of Swansea).

Comunicació: dijous 18, 17.30-19.00. Auditori

“Sobre las traducciones catalanas y castellanas de la obra de Dylan Thomas”

En esta charla se ofrece una evaluación, en parte comparativa, de algunas traducciones de la obra de Dylan Thomas hechas al catalán y al castellano. Entre otras consideraciones se plantearán las dificultades - y oportunidades - de la traducción de tipo cultural. En este respecto la versión inglesa hecha por Philip Polack de la *Primera història d'Esther* de Salvador Espriu bien puede emplearse como punto de referencia ejemplar.

Zarandona, Juan Miguel i Guillermo Román Méndez (Universidad de Valladolid).

Comunicació: dijous 18, 12.45-14.00. Sala 104

“*Sir Gawain and the Green Knight* (ca. 1380-1400) en linguas ibéricas: las traducciones castellana y asturiana comparadas”

Sir Gawain and the Green Knight (ca. 1380-1400), ha sido siempre considerado, por los expertos, como el más perfecto de los *romances* británicos medievales, por sus

sutilezas, idealismo y alto sentido del honor, riqueza de vocabulario, calidad narrativa, fuerza alegórica, perfección métrica, uso de la aliteración, etc. Una obra maestra que no ha podido dejar de suscitar el interés de estudiosos, lectores y traductores de las diversas lenguas de la península ibérica, a pesar de las evidentes dificultades de todo tipo, sobre todo para los traductores. Debe señalarse, que la inmensa mayoría de los lectores de lengua inglesa que tienen acceso o leen esta composición, también lo realizan mediante traducciones al inglés contemporáneo. De hecho, dentro de las fronteras españolas, se hayan disponibles las traducciones de celebrado poema de temática artúrica, dos traducciones al castellano, la de Francisco Torres Olivier, en prosa y de 1982, y la de José Luis Chamosa (parcial), en verso y de 1995; y una al asturiano –lengua ibérica muy minoritaria–, la de Carlos Ealo y Álvaro Arias, en verso y de 2000. La presente comunicación se propondrá como objetivo la comparación entre las traducciones castellana y asturiana completas, dos versiones, en apariencia, separadas entre sí por muchas distancias: la que se extienden entre una lengua ibérica mayoritaria, la prosificación y la publicación en una editorial y colección de éxito y recepción garantiza, para la primera de ellas, y una lengua muy minoritaria, el verso métrico y la publicación en una editorial local, subvencionada y minoritaria asimismo, para la segunda. Igualmente, se reflexionará sobre asuntos tan debatidos como: las posibilidades de la traducción de poesía métrica, la traducción de los textos medievales para un público contemporáneo, o la manera más conveniente de traducir poesía métrica medieval en el ámbito ibérico.